



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MARIA HELENA BARBOSA TAVEIRA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL PARA A CONSTRUÇÃO
DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO NO SERTÃO NORDESTINO**

**CAJAZEIRAS- PB
2014**

MARIA HELENA BARBOSA TAVEIRA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL PARA A CONSTRUÇÃO
DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO NO SERTÃO NORDESTINO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, do Centro de Formação de
Professores, da Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para obtenção do
título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS- PB

2014

MARIA HELENA BARBOSA TAVEIRA

**A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA DE CORDEL PARA A CONSTRUÇÃO
DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO NO SERTÃO NORDESTINO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em História, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em História.

Aprovado em: ___ / ___ / ___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos (orientador)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^ª. Dr^ª. Rosilene Alves de Melo (membro)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Ms. Isamar Gonçalves Lôbo (membro)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^ª. Ms. Viviane Gomes de Ceballos (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof^ª. Dr^ª. Rosemere Olimpio de Santana (suplente)
Universidade Federal de Campina Grande

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)

Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096

Cajazeiras – Paraíba

T232c Taveira, Maria Helena Barbosa

A Contribuição da Literatura de Cordel para a
Construção da Imagem do Padre Cícero no Sertão
Nordestino. / Maria Helena Barbosa Taveira.

Cajazeiras, 2014.

99f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Rodrigo Ceballos

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Literatura de Cordel. 2. Cícero, Pe. 3. Sertão
Nordestino. I. Ceballos, Rodrigo. II. Título.

Dedico as minhas queridas avós:

Damiana Rosa da Conceição (*in memoriam*)

Maria Estela Barbosa (*in memoriam*)

Aos meus amados pais:

Severino Alves Taveira

Iracilda Barbosa Taveira

Aos meus irmãos:

Cícero Barbosa Taveira

Eliane Barbosa Taveira

Lúcia Barbosa Taveira

Luciano Barbosa Taveira

Aos meus tão adorados sobrinhos:

Geovana Taveira da silva

Gustavo Taveira Aquino

Lucas Taveira da Silva.

AGRADECIMENTOS

Este é, sem dúvida, um dos momentos mais importantes e emocionantes na elaboração desse trabalho, uma vez que é o momento de agradecer a pessoas muito especiais que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização do meu objetivo.

Inicialmente agradeço a Deus por se fazer presente em todos os momentos de minha vida, por ter me dado força para continuar nos instantes em que tive medo e me senti insegura.

Sou plenamente grata aos meus pais Severino Taveira e Iracilda Barbosa, por todo amor que sempre demonstraram sentir por mim. Vocês serão sempre o meu melhor exemplo. Não existem palavras que possam descrever o sentimento que tenho por vocês. Por existirem, o meu muito obrigada.

Agradeço aos meus irmãos; Luciano, Eliane, Ana e Cícero, pela união, preocupação e incentivo. Vocês a cada dia me mostram o verdadeiro significado da palavra família.

Agradeço imensamente ao meu professor e orientador Rodrigo Ceballos, pelo apoio, dedicação e paciência para com minha pesquisa.

Sou grata a turma de História 2009.1, pelos momentos maravilhosos que passamos juntos. Nestes quase cinco anos, vivi os melhores momentos de minha vida, mas estes, não teriam tido a mesma intensidade se vocês não estivessem do meu lado. Airton Barbosa, Adriana Salviano, Cícera Nunes, Daiany Gomes, Daniela Vieira, Ilsa Estrela, Ionara Cavalcanti, José Alex, Jessé Moreira, Jozielison Martins, Kamilla Dantas, Girlene Terto, Gerlândia Gouveia, Gerlândia Nascimento, Harlanne Krislen, Maria José, Mary Gomes, Marquilene Barbosa, Mauricélia Sousa, Patrícia Alves, Régia Paula, Robenilson Lisboa, Tatiana Pessoa. Muito obrigada.

Nesta turma de pessoas especiais, não posso deixar de destacar algumas que mais que amigos, tornaram-se irmãos. A Cícera Nunes, Daniela Vieira, José Alex, Joziélison Martins, Mauricélia Sousa e Patrícia Alves, eu devo os melhores momentos, as melhores risadas. Por este motivo, a vocês, eu serei eternamente grata.

A Mauricélia Sousa agradeço a amizade e o apoio, principalmente nos momentos que antecederam a entrega da monografia. Serei eternamente grata pelas conversas, pelas risadas, por todos os momentos que me deu força e me fez acreditar que tudo iria dar certo.

Agradeço as minhas queridas amigas; Adriana, Renata e Daniele, por fazerem parte de minha vida.

Sou grata ao padre Sales e a Junior Cariri, por terem conseguido livros e folhetos de cordel que foram essenciais para elaboração desta pesquisa. Sem os quais, tudo teria sido bem mais difícil.

Portanto, neste trabalho está contido um pouco de cada um de vocês. Por este motivo. Muito obrigada.

Mesmo que nunca se perceba, a nossa coragem vai brotar de todos os lugares. Como plantas num jardim, vai enfeitar a nossa mente de razões e ideais, e ninguém mais além de nós, nos poderá deter.
(Biquíni Cavado)

Foi enviado por Deus
Pra tomar conta da gente
Do mais rico e soberbo
Até o pobre indigente
Na oração do romeiro
É o santo justiceiro
Do coração e da mente

Por isso vem meu irmão
Sobe a estátua do Horto
E prova que meu padim
De fato não está morto
Permanece noite e dia
Na tristeza e alegria
Nos trazendo mais conforto.
(SANTOS, 2012, p.07)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar a figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) através da Literatura de Cordel. Estudou-se a contribuição desta linguagem popular para a construção da imagem de um clérigo que perdeu suas ordens religiosas, como um homem divino. A Literatura de Cordel encontrou no Nordeste brasileiro o espaço propício para sua propagação. Este espaço também se apresenta como um lugar fértil para a criação de um santo popular. Nos folhetos nordestinos, as secas que consistem em uma das principais características do sertão, são interpretadas através de um viés religioso, onde a única alternativa cabível para o sertanejo é rogar aos céus e pedir proteção divina. Esta proteção se apresenta, na documentação analisada, intrinsecamente ligada à figura do Padre Cícero. Portanto, com base em estudos já realizados sobre o referido tema, analisaremos como os discursos empreendidos nos folhetos de cordel reforçaram o imaginário popular transformando um homem comum em santo.

PALAVRAS-CHAVE: Padre Cícero, Nordeste, Sertão, Literatura de Cordel.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the figure of Padre Cicero Romão Batista (1844-1934) by Cordel Literature. We studied the contribution of this popular language for building the image of a cleric that loose his religious orders, as a divine man. The Cordel Literature found in northeastern Brazil the space conducive to its spread. This space is also presents as a breeding place for the creation of a popular saint. In northeastern flyers, dried consisting one of the main features of the Sertão, are interpreted by a religious bias, where the only appropriate alternative to the backcountry is pray to the heavens and ask for divine protection. This protection is presented in the documentation reviewed, intrinsically linked to the figure of Padre Cícero. Therefore, based on previous studies on the said topic, analyze how discourses undertaken in flyers Cordel reinforced the popular imagination transform a common man into a saint.

KEYWORDS: Padre Cicero, Northeastern, Sertão, Cordel Literature.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Romaria na estátua do Padre Cícero em Juazeiro do Norte.....17

Imagem 2: Mulher pagando promessa vestida de Padre Cícero.....18

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 01	
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA	16
1.1. Fé e Devoção na Terra do Padre Cícero.....	16
1.2. Padre Cícero: Sua Vida, Seus Milagres.....	21
CAPÍTULO 02	
O SERTÃO NORDESTINO COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SANTO POPULAR ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL	35
2.1. Sobre o Cordel.....	35
2.2. O Sertão da Seca e da Fé: Um Espaço Propício ao Surgimento de um Santo.....	40
CAPÍTULO 03	
AS REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NOS FOLHETOS DE CORDEL	55
3.1. O Nascimento e uma Possível Predestinação.....	57
3.2. O Santo Milagreiro.....	63
3.2.1 O Profeta.....	76
3.3. O Político e a Participação na Guerra de 1914.....	80
3.4 Os Romeiros e as Romarias.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	93

INTRODUÇÃO

O Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), popularmente conhecido como o *Padim Ciço* de Juazeiro, representa uma das figuras mais carismáticas e polêmicas da história do sertão nordestino, um homem que teve sua vida marcada por grandes contradições, sendo ainda hoje alvo de muitas discussões. Transformou-se através dos seus supostos milagres em um Santo no imaginário dos sertanejos, fazendo da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará, um grande centro de religiosidade, atraindo milhões de fieis todos os anos para participarem das romarias em devoção ao Santo popular.

Podemos afirmar que Padre Cícero consiste em um personagem que despertou e ainda desperta grande interesse por parte dos profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, os quais elaboraram discursos apresentando diferentes visões sobre o padrinho. Segundo Marinalva Vilar de Lima (2010, p. 15) estes discursos, principalmente os iniciais, “se ligam diretamente a crença na deificação do sacerdote e, por outras, à sua liderança política”.

Que o Padre Cícero representa um personagem polêmico, não restam dúvidas. Durante muito tempo sofreu com as inúmeras acusações por parte da Igreja Católica. A partir de 1889, ano em que ocorreu o suposto milagre da transformação da hóstia em sangue, passou a ser “perseguido” pelos representantes da Igreja bem como por todos aqueles que não acreditavam nos fenômenos ocorridos em Juazeiro.

Mas se o padre era criticado e perseguido por uns, por outros era exaltado e santificado, principalmente pelos milhares de romeiros que chegavam à cidade, dando início as romarias que se transformaram em uma das maiores demonstrações de fé do Brasil, fenômeno que perdura até os dias atuais.

Obviamente os acontecimentos ocorridos em Juazeiro do Norte, os quais tiveram como protagonistas o Padre Cícero e a beata Maria de Araújo, não passariam despercebidos pela literatura popular.

O popular qualifica um tipo de relação, um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que apresentam inúmeras maneiras de receber, compreender e manipular esses elementos. Ou seja, o popular como qualificador de um sistema de relações sociais intimamente ligados a ação cotidiana, remetendo-se aos seus respectivos produtores, relacionando-os ao seu tempo social e espaço social. (CHARTIER *apud* VIEIRA, 2012, p. 10).

A Literatura de Cordel consiste em uma forma de poesia popular, surgida na Europa. Trazida para o Brasil pelos colonizadores portugueses, transformou-se em uma característica

marcante na cultura do Nordeste brasileiro. Através dos versos dos poetas “pessoas comuns em um meio tão adverso como o sertão convertem-se em mártires, santos, bandidos, heróis em mitos populares” (VIEIRA, 2012, p. 11).

Desde muito tempo, na região Nordeste do Brasil, estes folhetos, produzidos de maneira simples, mantêm grande aceitação por parte dos devotos do Padre Cícero, bem como por um público que simplesmente se interessa por sua história.

Em torno da figura do Padre foi produzida uma grande quantidade de folhetos que em sua maioria buscavam enaltecer a sua imagem como um homem divino, principalmente, aqueles produzidos após sua morte, uma vez que os poetas já começam a narrar a vida do padrinho logo após o dito milagre. “Trata-se de um processo contínuo de canonização poética bastante interessante pela relativa rapidez com que se dá, cerca de noventa anos, e pelo fato de refletir todo um universo de práticas de representação mais amplo” (STINGHEN, 2000, p. 16).

Diante a tantos estudos e tantas discussões existentes em torno da polêmica história do “patriarca de Juazeiro”, a Literatura de Cordel se apresenta como mais uma alternativa para se estudar o processo de construção de sua imagem. Partindo deste ponto, esta pesquisa tem como principal objetivo fazer uma análise sobre as representações do “padrinho” nos folhetos de cordel.

Estas fontes fazem parte de uma coletânea organizada nas festividades do Centenário da cidade de Juazeiro do Norte, ocorrida em 2011. Esta coletânea é intitulada “Juazeiro, um fio de inspiração, uma história em 100 cordéis”, com publicação em 2012. Nela encontramos 50 folhetos considerados como “clássicos” (produzidos no século XIX), e os demais são contemporâneos, envolvendo a figura do Padre Cícero e sua relação com a cidade de Juazeiro do Norte. Alguns destes últimos folhetos foram criados exclusivamente para as comemorações. Além do material impresso, a coletânea também mídia digital.

O primeiro capítulo foi destinado a apresentar uma discussão preliminar a respeito da religiosidade popular presente em Juazeiro do Norte bem como sobre a biografia do Padre Cícero. Serão abordados fatos de sua história que foram de fundamental importância para a construção de sua imagem como santo popular, dando ênfase aos seus supostos milagres e desdobramentos.

Utilizaremos para tal propósito trabalhos como o de Lira Neto (2009), no qual apresenta a biografia de Cícero em duas etapas, denominadas a *cruz* e a *espada*, respectivamente. O referido autor oferece ao leitor um “passeio” pela história de Cícero, uma

vez que apresenta detalhadamente os acontecimentos da vida do Padre, desde seu nascimento e atuação religiosa, até sua importante participação na política e morte em 1934.

Sem dúvida, o trabalho de Lira Neto foi de suma importância para a elaboração desta pesquisa, uma vez que o interesse pela história do Padre Cícero surgiu através do contato da autora com a obra citada. Através desta, foi iniciada a busca por novas fontes e o desejo em conhecer a história do Padre se intensificava a cada livro ou trabalho acadêmico encontrado.

Mas é de suma importância salientar que as representações do Padre Cícero nos folhetos de cordel não consiste em um tema inédito, uma vez que a autora Marinalva Vilar de Lima (2000) bem como Marcela Guasque Stinghen (2000) também fizeram um estudo sobre as representações do padrinho na Literatura de Cordel. Os trabalhos das autoras citadas também tiveram uma importância relevante na elaboração deste estudo.

O segundo capítulo apresenta alguns traços importantes sobre a Literatura de Cordel, enfatizando de forma sucinta suas principais características. Apresentaremos também o sertão nordestino, região onde ocorreu a maior propagação da literatura de folhetos, e foi um espaço “fértil” para a construção de um santo popular. A literatura leva em consideração um importante fator: o clima do sertão nordestino, mais precisamente o fenômeno das secas que assolam a região.

Com relação às secas, apresentaremos como estas foram transformadas em uma das principais características do sertão, aparecendo em algumas obras, principalmente nos folhetos de cordel como a causadora da miséria e sofrimento pelos sertanejos, que por sua vez se apresentam intrinsecamente ligados a religiosidade. Este apego a fé, mostra-se como a única alternativa para livrar-se das desgraças causadas pelos períodos sem chuvas. Mostraremos que o dito milagre do Padre Cícero ocorreu justamente dentro deste contexto, em que as secas deixaram de ser vistas como um fator climático e passaram a ser interpretadas como um “fato simbolizado”, vistas como um castigo de Deus.

Discutiremos, então, como o flagelo das secas presente nos séculos XIX e XX foram interpretadas nos folhetos e o quanto estes contribuíram para reforçar a fé do sertanejo em torno da figura do Padre Cícero. Utilizaremos como base para esta discussão, além de muitos autores acadêmicos, Rosilene Alves de Melo (2010), Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro (2002) bem como Durval Muniz de Albuquerque Junior (1994).

Para o último capítulo, reservamos a análise de folhetos que contribuíram para o processo de canonização popular do Padre Cícero, folhetos que reforçaram o imaginário popular em torno do Padre, atribuindo a este um caráter profético e divino. Discutiremos também os folhetos que narram seu nascimento a fim de analisar a tentativa dos poetas em

atribuir ao sacerdote uma predestinação divina. As romarias também serão elencadas, bem como a participação do padre na política, dando ênfase a sua atuação na Guerra de 1914.

Neste sentido, tivemos como base o trabalho da autora Marinalva Vilar de Lima (2000) para fazermos o nosso recorte temporal, uma vez que assim como a autora, analisaremos folhetos de poetas contemporâneos ao Padre Cícero, produções iniciais do seu cancioneiro, que tiveram como ponto de partida a questão do milagre, bem como folhetos mais recentes, que datam o período em que a canonização popular do padre torna-se nítida, principalmente aqueles elaborados após a morte do padrinho.

Mas é de suma importância destacar aqui que praticamente todos os autores que decidem tomar o cordel como fonte de uma pesquisa, se deparam com o problema da periodização dos folhetos. No nosso caso não foi diferente. Na maioria dos folhetos selecionados para a referente pesquisa não consta a data da produção. Este problema se dá pelo fato de não haver por parte dos poetas, principalmente os mais antigos, a preocupação em colocar nos folhetos a data em que foi produzido, o que dificulta muito o trabalho do pesquisador, restando a este, como fez a autora Marinalva Vilar de Lima (2000) considerar a obra do poeta como um todo e o período de vida deste como o marco temporal.

Neste caso, não objetivamos estabelecer comparações detalhadas a respeito das produções de cada período. A nossa intenção é mostrar que ao longo do tempo os poetas sertanejos dedicaram-se a uma produção que tinham por objetivo a canonização do Padre Cícero e é justamente essa canonização popular que será analisada.

CAPÍTULO I:

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A VIDA DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA.

1.1. Fé e Devoção na Terra do Padre Cícero.

A cidade de Juazeiro do Norte, localizada no interior do sertão nordestino, mais precisamente na região do Cariri no estado do Ceará, consiste em um dos maiores centros de religiosidade popular da região Nordeste e porque não dizer, do Brasil. A característica marcante dos juazeirenses, bem como de todos aqueles que visitam esta cidade todos os anos, é sem dúvida a sua forte fé, fé esta que está intrinsecamente ligada à figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), considerado por muitos como o patriarca de Juazeiro.

É impossível falar da cidade de Juazeiro do Norte sem ligá-la ou mencionar a imagem do Padre Cícero, ou simplesmente *padim ciço*, como é chamado por seus milhares de devotos, uma vez que praticamente todos os setores dessa cidade têm uma forte ligação com o padrinho, seja no setor cultural, religioso ou econômico. Portanto, não é preciso muita observação para perceber o quanto o Padre Cícero, mesmo após 80 anos de sua morte, ainda representa para os sertanejos.

A crença da população caririense no padrinho é perfeitamente sentida em toda a cidade. É impressionante a quantidade de locais que levam o nome do Padre, não só em Juazeiro, mas também em toda a região do Cariri: ruas, praças, oficinas, escolas, hospitais, avenidas, etc. Esta consiste em uma das muitas formas que os devotos de Cícero encontram para homenageá-lo. Segundo Lira Neto (2009, p. 13) o Padre Cícero está em todos os lugares. “Ele só não está nas igrejas”. Acusado de proclamar falsos milagres, de manipular as massas sertanejas a seu favor e de desobedecer as ordens do Vaticano, Cícero perdeu suas ordens religiosas em 1916, o que o proibiu, como diz Lira Neto (2009), de entrar nos altares oficiais.

Mas a condenação por parte da Igreja não abalou a fé e o respeito que os devotos de Cícero nutrem por ele, e as formas pelas quais demonstram a sua crença, impressionam pela simplicidade e sinceridade. Um exemplo disso é a adoração à imagem do padrinho. Na maioria das casas é possível encontrar desde estátuas até fitinhas envoltas em quadros com a sua imagem como forma de agradecimento por alguma graça alcançada ou simplesmente como forma de expor a sua crença.

Para se ter uma verdadeira noção do quanto à fé no Padre Cícero Romão Batista é forte e o quanto esta está enraizada na mentalidade dos romeiros, faz-se necessário visitar o Juazeiro do Norte em tempos de romaria¹. Impressiona a quantidade de pessoas que visitam a cidade todos os anos, pessoas de todas as idades e de todos os lugares do Brasil. É importante salientar que as romarias não impressionam somente pela quantidade de pessoas que delas participam, mas principalmente pela forma como os romeiros transmitem as suas mensagens de fé, seus desejos, sua devoção, sua esperança, sua gratidão. Segundo Antônio Mendes da Costa Braga (2007, p. 19) “são nas romarias, que se repetem ano após ano, que a presença desde santo se torna mais forte”.



Imagem 01: Romaria na estátua do Padre Cícero, 2011. Foto: Vidal Cavalcante.

Os romeiros veem no Padre Cícero a esperança de conseguir alcançar alguma graça. Os pedidos direcionados ao padrinho são os mais diversos possíveis, mas merecem destaque aquelas pessoas que procuram o Juazeiro com a esperança de livrar-se de alguma doença.

Próximo a capela onde está enterrado o corpo do reverendo, na chamada Casa dos Milagres, o testemunho das centenas de milhares de graças alcançadas arrebatam o olhar de quem chega à porta. São os chamados ex-votos: fotografias e esculturas de madeira, cera ou barro, que reproduzem partes do corpo humano. Pernas, braços, mãos, cabeças. Muitas cabeças. Foram

¹ Em Juazeiro do Norte, as romarias iniciam-se no mês de setembro e terminam no mês de março. É importante destacar que no mês de março e julho, Juazeiro recebe a visita de milhares de romeiros em comemoração ao nascimento, bem como a morte do Padre Cícero, ocasião em que os fiéis vestem-se de preto, demonstrando o luto pela morte do padrinho.

deixadas ali por doentes terminais que juram ter recuperado a saúde, aleijados que afirmam ter voltado a andar, cegos que dizem enxergar de novo, loucos que asseguram ter recuperado o juízo. Para toda essa gente, Padre Cícero é santo milagreiro, devidamente canonizado pela devoção popular. (LIRA NETO, 2009, p. 12.).

Quando os romeiros alcançam a tão almejada graça, não medem esforços para “pagarem” as promessas feitas ao padrinho. É comum aos visitantes do Juazeiro do Norte se depararem com a cena de devotos subindo os inúmeros degraus da escadaria que dá acesso a estátua do padrinho no Horto, ou pessoas com os pés calejados por terem andado quilômetros de distância de pés descalços como forma de agradecimento.



Imagem 02: Mulher pagando promessa vestida de padre Cícero, 2011. Foto/ Autor desconhecido.

Juazeiro do Norte transforma-se completamente na época das romarias. Para muitos visitantes que se deslocam de todas as regiões do Brasil, aquele é o momento não só de pedir e agradecer, mas também de ver de perto uma das maiores festas religiosas promovidas pelo povo e para o povo em homenagem a um homem comum que se transformou em um santo no imaginário do povo sertanejo e que continua atraindo milhares de fiéis todos os anos, transformando o Juazeiro no maior centro de peregrinação do Nordeste, contribuindo dessa forma para o crescimento e desenvolvimento da cidade. Daniel Walker (2010, p. 05) afirma que:

De fato, desde que o padre Cícero morreu (1934), a cidade que ele fundou não para de crescer. Parte desse crescimento deve ser creditada aos romeiros que

continuaram visitando Juazeiro, atendendo assim ao seu pedido, expresso no testamento. Muita gente chegou a dizer que com a morte de Padre Cícero, o povo iria esquecê-lo e a cidade que ele fundou não passaria de uma simplória cidade do interior cearense. Puro engano! Prevaleceu a profecia do Padre Cícero e a cidade fundada por ele deu saltos gigantescos praticamente em todos os setores, partindo da bodega ao shopping; da capela a basílica; do bê-a-bá á faculdade; do lápis ao computador; da amplificadora á internet; e do jumento ao avião.

A participação dos romeiros no desenvolvimento de Juazeiro se dá por motivos óbvios. Todos os anos a cidade recebe aproximadamente 2,5 milhões de romeiros que são atraídos também, pela infinidade de opções de compras que o comércio da cidade oferece em época de romarias. O Juazeiro se transforma em uma verdadeira feira livre, sendo praticamente impossível para um devoto ou um simples turista que venha conhecer a festa, não levar consigo alguma lembrança do evento, ganhando destaque o artesanato local, principalmente objetos religiosos que contenham o nome, a imagem ou qualquer outro detalhe que lembre o Padre Cícero. Neste sentido, Marcela Guasque Stinghen (2000, p. 24) afirma que, “as romarias a Juazeiro do Norte constituem-se, assim, no momento propício para não só cuidar dos assuntos referentes à fé, mas também para passear, festejar, fazer compras e confraternizar”.

Para muitos devotos e estudiosos da história do Padre Cícero, o grande desenvolvimento de Juazeiro consiste no seu maior milagre, sendo as romarias, a principal herança deixada por ele à cidade e aos seus “afilhados”, tal como são chamados os seus devotos. Os romeiros do *Padim Ciço*, pessoas simples em sua maioria, buscam no padrinho a proteção que precisam, o alívio para suas dores físicas e emocionais, a solução para seus problemas. Para os seus fiéis devotos, Padre Cícero é um homem que entende perfeitamente as dores dos sertanejos e está sempre pronto a interceder por estes.

Portanto, Padre Cícero continua vivo na memória de sua gente e a visita a alguns pontos turísticos da cidade nos mostra isso com maior clareza. A estátua do padrinho localizada na serra do Horto, que antigamente era chamada Serra do Catolé, consiste em um dos locais mais procurados por aqueles que queiram se sentir um pouco mais perto do “patriarca de sua cidade”, do seu conselheiro, do seu santo protetor. É exatamente assim que os romeiros consideram o Padre Cícero Romão Batista. Além da grande estátua², que mede aproximadamente 27 metros de altura, motivo de orgulho para a população juazeirense, outros locais da cidade que retratam a vida do padrinho também são muito visitados. A Casa dos

² A estátua do Padre Cícero Romão Batista, foi inaugurada em 1º de novembro de 1969 pelo então prefeito Mauro Sampaio e consiste na terceira maior estátua de concreto do mundo.

Milagres, o Memorial Padre Cícero, Museu Padre Cícero são locais onde os romeiros têm a oportunidade de depositarem um pouco da sua fé na forma dos mais variados objetos, que são deixados lá como prova de devoção, de carinho, de agradecimento. No túmulo onde está enterrado o corpo do padrinho, os devotos procuram um pequeno espaço em meio a tantos objetos para também depositarem os seus.

Mas é importante ressaltar que os romeiros, muitas vezes encontram dificuldades para fazerem suas visitas.

Ir visitar a antiga casa de retiro do padrinho e sua estátua exige o esforço de subir a pé (os ônibus, precários, estão sempre superlotados), sob um sol escaldante, pelo caminho do calvário, a estrada sinuosa que leva até o Horto, em que é possível avistar imagens representativas das Doze Estações da Paixão de Cristo. Quem tem mais disposição acaba indo visitar o Santo Sepulcro, um local misterioso, que fica a uns seis quilômetros da estátua, ao qual se chega seguindo por uma trilha. O relevo característico, cheio de pedras, transforma-se em aprovação para os devotos. (STINGHEN, 2000, p.23).

No entanto, estas dificuldades tornam-se pequenas diante da fé e da esperança dos romeiros em alcançar alguma graça, e da emoção de estarem nos mesmos lugares onde o seu tão adorado e respeitado *Padim Ciço* passou a maior parte de sua vida.

Diante a todas essas demonstrações de fé, admiração, respeito e devoção pelo *Padim Ciço*, o santo do Juazeiro, faz-se necessário voltar ao século XIX para tentar buscar as raízes deste fenômeno, “fazer um passeio” pela história de Cícero Romão Batista que até 1889 foi tido como um homem comum para todos aqueles que o conheciam, mas que a partir de então teve sua vida completamente transformada.

Cícero foi transformado em santo pela gente sofrida do sertão nordestino, foi acusado de fanático, lunático, um aproveitador da ignorância dos mais humildes, foi eleito o primeiro prefeito de uma cidade que até então era apenas um pequeno povoado, um distrito de uma cidade vizinha. De prefeito passou a Deputado Federal e foi excomungado, de acordo com Lira Neto³, pela Igreja Católica que para ele, segundo Daniel Walker (2000, p. 04) “[...] era a única, verdadeira e salvadora”.

³ Segundo Lira Neto (2009) o Padre Cícero Romão Batista foi excomungado da Igreja Católica em 1916. A partir de então, “de acordo com o Tribunal do Santo Ofício, isso significava que ele não estava mais em comunhão com Deus. Era um condenado espiritual. Um desterrado da Igreja, execrado por desobediência e rebeldia. Um proscrito. (LIRA NETO, 2009, p. 419). Mas é importante destacar que ainda segundo o referido autor, a excomunhão de Cícero foi anulada em 1921, mas mesmo assim continuava proibido de exercer todas as suas ordens sacerdotais.

1.2. Padre Cícero: Sua vida, seus milagres.

O padre Cícero Romão Batista consiste em um dos personagens mais polêmicos do Nordeste brasileiro e uma das figuras mais conhecidas do Brasil no século XIX. Sua história é permeada de fatos que por muito tempo foram alvo de discussão nas mais diversas áreas do conhecimento. Segundo Marinalva Vilar de Lima (2000, p. 81) o Padre Cícero “é motivo de adoração religiosa, de manifestações artísticas e culturais e de uma vasta produção bibliográfica”. Ainda segundo a autora o marco originário dessas produções foi justamente os acontecimentos miraculosos da cidade de Juazeiro do Norte, mais precisamente o suposto milagre da hóstia, que teve como protagonista a beata Maria de Araújo.

A partir deste acontecimento, que será apresentado com mais detalhes posteriormente, muitos autores dedicaram-se a contar a história de Cícero e de Juazeiro. É exatamente a partir dessas discussões que começam a ser instituídas várias visões para o sacerdote. De acordo com Lima (2000) e Daniel Walker (2010) as produções discursivas sobre o padre dividem-se em praticamente dois grupos: aqueles que acusam o padre e aqueles que o defendem. Na perspectiva de Daniel Walker (2010, p. 49):

Sua atuação foi sempre analisada obedecendo a uma dicotomia de juízos diametralmente opostos: de um lado sendo atacado pelo radicalismo exacerbado dos que não lhe reconheciam nenhum valor; do outro, sendo exaltado com exagero pelos que nele só encontravam virtudes. Por isso, a maior parte da produção literária resultante desses estudos iniciais pouco ajudou para definir a verdadeira figura histórica do Padre Cícero.

Alguns autores contam o milagre como sendo uma armação do padre, o acusando de aproveitar-se da ignorância da população caririense e participar ativamente da armação de toda aquela história, como é o caso do autor Otacílio Anselmo (*apud* WALKER, 2010, p. 49) que além de acusar o padre de embusteiro ainda o responsabiliza pelo estado de atraso em que viviam os sertanejos. Lorenço Filho em seu livro *Juazeiro do Padre Cícero* (2002) afirma que o sertão do Cariri por ser um ambiente atrasado contribuiu para as pessoas acreditarem em tal acontecimento, uma vez que segundo o autor a ignorância e a superstição eram características marcantes daquela região.

Por outro lado, temos uma gama de autores que dedicaram seus trabalhos a enaltecer a imagem de Cícero, atribuindo ao sacerdote um caráter divino, profético, contribuindo para reforçar a crença do sertanejo quanto à santidade do Padre, como é o caso do autor Reis Vidal (*apud* WALKER, 2010, p. 49). A vida de Cícero, portanto, é alvo das mais diversas

interpretações. Sua história permeia o campo sociológico, histórico, antropológico, dentre outros.

Mas partindo para outra dimensão, nos deparamos com a Literatura de Cordel, esta sem dúvida contribuiu intensamente para a construção da imagem de Cícero, uma vez que desde muito tempo os poetas dedicaram-se a traçar um perfil para o sacerdote. Suas produções estão repletas de elementos sagrados e simbólicos que dão ao Padre um caráter divino.

Alguns autores, como é o caso de Marinalva Vilar de Lima, em sua obra *Narradores do Padre Cícero* (2000), da qual já extraímos algumas citações, dedicou-se a falar, como o próprio nome da obra deixa explícito, sobre as produções dos poetas que narraram a vida do padrinho e que foram de suma importância, como veremos mais adiante, para a construção da imagem que a maioria dos sertanejos ainda tem sobre o Padre. Lima (2000) além de fazer uma análise do perfil poético do padrinho, dedica um espaço do seu trabalho para falar sobre a trajetória de vida dos poetas, alguns deles inclusive, terão suas obras analisadas neste trabalho.

No trabalho da Marinalva Vilar de Lima (2000) bem como na dissertação da autora Marcela Guasque Stingham *Padre Cícero: A Canonização Popular* (2000) percebemos o quanto os folhetos nordestinos se apresentam de forma atuante no processo de construção da imagem de um homem que foi transformado em santo. As condições que propiciaram tal acontecimento serão discutidas em seguida, tendo como ponto de partida uma breve explanação sobre a trajetória de vida do Padre Cícero e as discussões que foram elaboradas sobre ele e os fenômenos do Juazeiro.

“Você, Cícero, tome conta dessa gente”. (LIRA NETO, 2009, p. 44). Esta pequena frase foi repetida durante muitos anos por todos aqueles que um dia resolveram contar a história do Padre Cícero. Este, ainda de acordo com o referido autor, foi um pedido feito pelo próprio Jesus Cristo ao jovem Padre durante um sonho. Cristo aparecera para Cícero juntamente com doze homens que, para este representavam os doze apóstolos e que vale a pena ser explicitado neste trabalho.

Jesus Cristo dirigiu-lhes a palavra e prometeu que faria um último esforço para libertar o mundo de tanta iniquidade e sofrimento. Mas era preciso que, para isso, a humanidade mostrasse sincero arrependimento. Do contrário, os céus mandariam o supremo castigo. Viria o dia do Juízo Final. O mundo iria acabar. (LIRA NETO, 2000, p. 44)

Aquela cena, segundo muitos autores, jamais foi esquecida por aquele jovem sacerdote, que até então, mesmo já estando ordenado, ainda não era pároco de nenhuma igreja.

No sonho, ao dizer a célebre frase, Jesus apontara para um grupo de sertanejos, pessoas extremamente simples, sujas, mal vestidas, exatamente iguais as pessoas que Cícero, de acordo com Lira Neto (2009) convivia diariamente. Pessoas sofridas, castigadas pelas secas que assolavam o Nordeste brasileiro. “Carregando seus poucos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham” (STINGHEN, 2009, p. 36).

“Juazeiro do Norte, portanto, nasce a partir de um sonho místico, encarado com seriedade por o jovem sacerdote” (GUIMARÃES *apud* STINGHEN, 2009, p. 36).

O tão famoso sonho de Cícero está presente em praticamente todos os discursos que narram sua história, principalmente nas obras de autores que defendem a santidade do Padre, uma vez que as referências de sonhos e aparições sempre estiveram presentes nas histórias dos profetas bíblicos, portanto, Cícero, para muitos autores foi mais um escolhido a receber uma mensagem de Deus. Este sonho, bem como a aparição do seu pai depois de morto, atribui ao Padre um caráter profético que será bastante disseminado pela literatura de folhetos, principalmente após sua morte, período em que segundo Lima (2000) os poetas buscam fazer um exercício de rememoração do padre, ou seja, retomam ao passado à procura de fatos que comprovem sua origem divina.

Cícero Romão Batista nasceu em 1844 na cidade do Crato, Ceará, filho da dona de casa Joaquina Vicência Romana e do simples comerciante Joaquim Romão Batista. Além de Cícero, Joaquim e dona Quinô, como era popularmente conhecida, tiveram mais duas filhas: Maria Angélica e Angélica Vicência. Era uma família humilde, que tirava o sustento do pequeno comércio do seu Joaquim.

Segundo muitos autores, Cícero foi uma criança aparentemente normal. Como todas as outras de sua época, gostava de brincar com suas irmãs e era um admirador da natureza. Mas para muitos dos seus devotos, desde a infância Cícero apresentou sinais de que não era uma criança comum. Esta concepção presente nos romeiros deve muito aos poetas sertanejos, uma vez que estes passaram a disseminar a ideia de que desde criança, o menino Cícero, em seus pequenos gestos demonstrava não só a vocação para a vida sacerdotal, mas também uma predestinação divina, como poderemos perceber na estrofe do folheto *A Vida e os novos sermões do Padre Cícero* (1924) do autor Leandro Gomes de Barros.

Nascido para a Igreja
 Criado para a doutrina
 Mandado ao mundo por Deus
 Cumprir a ordem divina
 Ensinar aos irmãos
 Tudo que a Igreja ensina

Desde menino ele tinha
 Aquellas inspirações
 Desejava mesmo ter
 A vida de privações
 Em criança seus brinquedos
 Era missa e orações.
 (BARROS *apud* Lima, 2000, p. 96)

Muitas são as histórias contadas pelo povo a respeito do seu nascimento e comportamento quando criança. Histórias que de uma forma ou de outra, buscam mostrar algum indício da vida que Cícero levou anos depois, alguma característica divina, uma vez que durante praticamente toda a sua vida foi exatamente assim que fora tratado, um santo vivo, que convivia lado a lado com seus devotos. Foi com este pensamento que os fiéis do padrinho, bem como os poetas de cordel, como pudemos perceber no folheto acima citado, foram construindo ao longo do tempo várias histórias que são contadas até hoje.

A história da infância de Cícero tema de inúmeros folhetos de cordel espalhados pelas feiras do sertão, foi sendo construída assim, por meio de relatos posteriores que buscavam abonar o mito e adivinhar indícios de uma hipotética predestinação. (LIRA NETO, 2009, p. 25).

“Cristo retornou na forma de um bebê sertanejo, com traços nitidamente caboclos, mas de cachinhos dourados e olhos azuis” (LIRA NETO, 2009, p. 23). Para muitos devotos do “patriarca de Juazeiro” Cícero seria mais que um santo, seria a própria reencarnação de Cristo. Jesus teria voltado a Terra e àquela gente tão sofrida do sertão nordestino teria para sempre a sua proteção. Aos poucos foi se espalhando a história de que Cícero no dia do seu nascimento fora trazido por um anjo e posto no lugar daquela criança que verdadeiramente seria filho de Dona Quinô.

Histórias como essas foram aos poucos se espalhando, sendo contadas por todos aqueles que acreditavam e acreditam na origem divina do Padre Cícero. Ainda com relação a sua infância, percebemos que não só os poetas sertanejos reforçam as bases de uma origem sagrada para o Padre, alguns autores que se dedicaram a escrever a biografia de Cícero, a contar sua história, também atribuem ao Padre indícios de que ele seguiria a carreira religiosa,

como é o caso do autor Luciano Napoleão da Costa e Silva (1998), um autor que assim como tantos outros deixa claro em sua obra a devoção ao padrinho e obviamente a intenção de enaltecer sua imagem.

“Temperamento alegre, desde menino tinha o hábito de ausentar-se de todos e, não raro, era encontrado, diariamente, na Igreja local, ajudando o vigário nos afazeres litúrgicos” (NAPOLEÃO, 1998, p. 19). Percebemos que a intenção do autor é justamente mostrar uma vocação sacerdotal para Cícero. Para alguns autores uma das provas consistentes deste fato, foi justamente o voto de castidade feito pelo futuro padre aos 12 anos de idade. Estas opiniões disseminadas ao longo do tempo em relação ao nascimento e a infância de Cícero fazem parte do já citado “exercício de rememoração”.

Penetramos em um território onde ocorre a instituição do indivíduo- Padre Cícero- como sagrado, a partir de uma estratégia que retroage no tempo, pois, ao que tudo indica, os poetas retornam aos primórdios dele, após os “acontecimentos miraculosos”, para imprimir-lhe um caráter divinal. Atitude que, em parte, também, será observada nos autores que constituem a corrente de “defesa”, a medida em que apresentam a inteira relação do sacerdote, desde criança, com as coisas de Deus. (SOBREIRA *apud* LIMA, 2000, p. 88-89).

Cícero não teve uma vida fácil, apesar de sua família possuir algumas posses, a renda da mesma dependia do pequeno comércio do pai Joaquim Romão. Mas as dificuldades financeiras não impediram o pai de incentivar e fazer o possível para que Cícero seguisse com seus estudos.

De acordo com Lira LIRA NETO (2009) bem como outros autores, Padre Cícero, em sua missão evangelizadora, sofreu a influência de outro religioso, o padre José Antônio Pereira Ibiapina. “Por cerca de trinta anos, Ibiapina percorreu o sertão nordestino, à maneira dos missionários, fazendo pregações que inflamaram o povo sertanejo, e que, ao mesmo tempo, perturbaram a cúpula da Igreja Católica” (STINGHEN, 2000, p. 36).

Na perspectiva de Stingham (2000) o povo sertanejo vislumbrou em Ibiapina e Padre Cícero a preocupação com a situação econômica e social em que se encontravam. Neste sentido Barros (*apud* STINGHEN, 2000, p. 38) acredita que o povo sertanejo:

Deu-lhes a grandeza, o poder, a força e a bondade do mito. Viu-os irradiando luz e sabedoria, bondade e amor- viu-os santos!! Não aquela santidade determinada pelos teólogos especialistas do vaticano: mas aquela santidade construída no cotidiano de amargura, trabalho e esperança de homens destituídos de poder, direitos e cidadania.

Compartilhando desta idéia, o autor Lira Neto (2009) afirma que o padre Ibiapina serviu de modelo para Cícero, uma vez que assim como este sacerdote faria mais tarde, Ibiapina também pregava de acordo com o binômio oração e trabalho. Portanto, para alguns autores, a atuação religiosa de Cícero estava espelhada na figura de outros líderes religiosos que assim como este também foram mistificados através do tempo e dos discursos elaborados.

O padre João Marrocos também, segundo Lira Neto (2009) foi muito importante na vida de Cícero, uma vez que este passou alguns anos em sua escola recebendo seus ensinamentos. Mas poucos anos depois saiu de sua cidade natal para estudar em Cajazeiras na Paraíba, no colégio pertencente ao padre Inácio Souza Rolim em 1860.

A vida estudantil naquela cidade paraibana não durou muito. Dois anos depois, Cícero voltou ao Crato para tomar conta de sua família, uma vez que recebeu a notícia que o seu pai Joaquim Romão Batista havia falecido. Ainda segundo Lira Neto (2009) Joaquim foi uma das tantas vítimas de cólera-morbo, uma grave epidemia que destruiu milhares de vidas pelo sertão a fora no ano de 1862. Coube a Cícero, único homem da família, trabalhar para conseguir o sustento de sua mãe e irmãs.

A morte do pai não foi apenas uma perda afetiva. As atividades comerciais de “seu” Joaquim eram o sustento da família e garantiam os estudos do jovem Cícero em Cajazeiras. Os bens deixados não suplantavam suficientemente algumas dívidas que ele havia contraído em Recife. Foi necessário que Cícero interrompesse os estudos para assumir os negócios do pai, abandonando o seu projeto sacerdotal (BRAGA, 2007, p. 26).

Com a morte de seu pai, ficara muito difícil para Cícero continuar com seus estudos. Ele já contava com a idade de 18 anos e sabia que sua obrigação agora era administrar os poucos negócios da família, tentar quitar as dívidas deixadas pelo pai. Cícero não tinha mais condições de custear seus estudos, mas a ajuda de outro homem, um amigo da família, não deixou que Cícero abandonasse de vez o desejo de tornar-se padre. O coronel Antônio Luiz Alves Pequeno, a pedido de Dona Quinô, o ajudou financeiramente a ingressar no seminário da Prainha, na cidade de Fortaleza, no Ceará.

Durante os anos que passou no seminário, a obrigação de Cícero era obedecer cegamente à doutrina rígida daquele lugar, porém, o jovem não foi um aluno exemplar, ao contrário, deu certo trabalho ao reitor do seminário. De acordo com Lira Neto (2009, p. 40) “Crescido em meio ao catolicismo popular dos sertões, era difícil enquadrá-lo na rigidez e na ortodoxia ultramontanas do seminário dirigido pelo reitor Pierre Auguste Chevalier”.

Apesar das muitas resistências por parte de Chevalier, Cícero conseguiu ordenar-se padre no ano de 1870. O jovem voltou ao Crato, com a sensação de dever cumprido. Mesmo com muitas dificuldades conseguira alcançar seu objetivo.

Como já foi mencionado anteriormente, mesmo depois de ordenado, Cícero passou algum tempo sem uma igreja específica para cumprir com suas ordens sacerdotais. Enquanto não lhe era concedida uma paróquia para administrar, chegou a realizar sacramentos em alguns distritos, como é o caso de Trairí, e trabalhou como professor⁴ de Latim na cidade do Crato. Mas para alguns autores, inclusive Lira Neto (2009) o pedido de Jesus Cristo feito naquele estranho sonho, juntamente com um convite para rezar uma Missa do Galo em um pequeno povoado, mudou para sempre a sua história, e aquele pequeno povoado transformou-se em uma das cidades mais desenvolvidas do estado do Ceará.

Segundo Lira Neto (2009) o nome Joaseiro ou Juazeiro como hoje é conhecida a cidade, se deu por causa da existência de três pés de Juá que havia naquela região. Um ótimo local para aqueles que precisavam de uma boa sombra para descansar. Era um povoado com poucas casas, considerado por muitos como um lugar de perdição. Cícero, juntamente com sua família, passou a morar naquele lugar em 1872. Saiu do Crato para trabalhar como pároco oficial na pequena capela de Nossa Senhora das Dores

Muitos discursos referentes ao Padre apontam que este tratou aquela gente com autoridade, para tentar colocar ordem naquele lugar. Mesmo não sendo bom orador, suas palavras de respeito e amor a Deus conquistou o coração daquela gente conseguindo um respeito admirável na região.

À medida que foi ganhando o respeito dos juazeirenses, estes passaram a frequentar cada vez mais a pequena capela de Nossa Senhora das Dores, a qual não comportava mais a quantidade de fiéis. Seria preciso ampliá-la de forma que garantisse espaço para todos.

Em 1873, a capela já não comportava mais os fiéis, ocasião em que Padre Cícero começou o planejamento da nova Igreja, pedindo a população à ajuda de que necessitava, sendo prontamente atendido; nem mesmo a seca de 1877 paralisou os trabalhos. (NAPOLEÃO, 1998, p. 34).

A construção foi possível graças ao trabalho dos muitos fiéis que já sentiam grande admiração pelo Padre. Na perspectiva de Lira Neto (2009) nenhum “amiguinho”, assim eram chamados por Cícero, recusariam ajudar aquele homem que falava sobre as coisas de Deus.

⁴ De acordo com Daniel Walker (1999) Padre Cícero ensinou Latim no colégio Padre Ibiapina, dirigido pelo seu primo prof. José Joaquim Teles Marrocos.

A terrível seca de 1877, ainda segundo Lira Neto (2009) acabou com milhares de vidas, inclusive a de Maria Angélica, irmã do Padre. Depois de muito trabalho, esforço e tragédias, proporcionadas pela seca, a capela ficou pronta em 1884. Uma construção admirável para a época, principalmente pelo fato de ter sido feita por pessoas tão simples e em condições tão adversas. Nesta época o bispo já não era mais Dom Luiz. Dom Joaquim José Vieira havia o substituído. Dom Joaquim, seria uma pedra no caminho de Cícero por muito tempo.

A religiosidade popular ganhava cada vez mais força naquele lugarejo e em toda a região. A figura do Padre Cícero Romão Batista, aquele homem baixo, magro, de olhos azuis e que segundo muitos não tinha apego a bens materiais, começou a se transformar no imaginário de muitos sertanejos em um santo. Histórias foram sendo criadas e contadas, passando de boca em boca, transformando o Padre em lenda viva, para a felicidade dos sertanejos, que viam o Padre como seu maior protetor, e preocupação de Dom Joaquim, que era contra a qualquer manifestação de fanatismo, a tudo aquilo que não tivesse de acordo com o que pregava a religião católica.

Cícero, a princípio até causou uma boa impressão a Dom Joaquim, pelo fato de ter construído com a ajuda dos fiéis um templo para Nossa Senhora das Dores, porém, começou a dar os primeiros sinais de que as demonstrações de fé do povo sertanejo, vistas como fanatismo pela Igreja e pelo bispo, continuaria a repercutir por muito tempo.

Em 1889, Juazeiro do Norte passou a ser uma grande preocupação para a Igreja. Nunca se havia ouvido histórias tão estranhas e miraculosas como aquelas que passaram a ser o principal assunto de toda a região. Juazeiro transformou-se em um fenômeno, em uma terra sagrada, o lugar que Jesus Cristo escolhera para derramar novamente o seu sangue e o Padre Cícero juntamente com a beata Maria de Araújo, foram os protagonistas do tão polêmico, “milagre de Juazeiro”.

Explicando a interpretação feita por aqueles que presenciaram a cena, Stinghen (2000, p. 39) afirma que “era o sangue de Cristo sendo vertido num sinal de alerta aos pecadores, que deveriam converter-se a fé para ganhar a moradia divina no dia do juízo.”

Como fazia costumeiramente todos os dias, Padre Cícero, naquele mês de março de 1889, ofereceu para as beatas presentes na Igreja de Nossa Senhora das Dores a sagrada comunhão. Dentre as beatas, estava Maria de Araújo, uma mulher jovem, negra e analfabeta, uma das muitas que vivia sob a proteção de Cícero. Ao receber a hóstia das mãos do Padre, esta se convertera em sangue vivo na boca da beata, para o espanto de todas as testemunhas ali presentes.

Não demorou muito para a notícia se espalhar. Todos afirmavam com toda a certeza, que havia ocorrido um milagre em Juazeiro, que o sangue de Jesus voltou a jorrar e desta vez através da hóstia que fora ofertada pelas mãos do Padre Cícero. Os sertanejos não tinham dúvida, Padre Cícero fora o responsável pelo extraordinário acontecimento. A notícia percorreu rapidamente a região e como era de se esperar, grande quantidade de pessoas foram aos poucos chegando a Juazeiro. Todos queriam conhecer o lugar sagrado. Aos poucos o pequeno Juazeiro recebia fiéis de toda a região, não só de lugares próximos, mas também de cidades mais distantes do Nordeste.

Aquele fenômeno ocorreu por diversas vezes. A hóstia se converteu em sangue, crucifixos apareceram ensanguentados, beatas narraram encontros com o próprio Jesus, fizeram viagens para o mundo dos mortos e conversaram com todos os Santos do céu. Maria de Araújo passara a relatar histórias que comovia os romeiros, e não demorou muito para que estes a chamassem de santa. Na visão dos céticos, aquele povo tinha perdido completamente a noção de tudo. Como era possível acreditar em tamanho absurdo? Indagavam os críticos do episódio.

Mas os fenômenos continuavam e os paninhos manchados de sangue atraíam para o Juazeiro cada vez mais devotos, todos com o objetivo de ver de perto ou quem sabe tocá-los. A notícia logo passou a estampar as páginas dos jornais de todo o país, fazendo com que o “milagre de Juazeiro” se tornasse algo do conhecimento de todos. As histórias que se ouviam falar daquele lugarzinho até então desconhecido, eram no mínimo extraordinárias.

Para muitos, inclusive para o bispo Dom Joaquim, eram histórias absurdas e deveriam ser contidas o mais rápido possível, afinal, a Igreja já não havia proibido qualquer manifestação de fanatismo? Pois era exatamente o que a história de hóstia que se transformava em sangue e carne de Jesus representava para a Igreja.

Cícero passara a ser o principal responsável por tais acontecimentos. Muitos o acusaram de aproveitador da ingenuidade e ignorância alheia. Mas Cícero, mesmo sabendo as consequências que tais acontecimentos trariam para si, defendia com convicção que Maria de Araújo era uma abençoada por Deus, e o que estava acontecendo naquele lugar consistia em uma manifestação divina.

Aquele acontecimento fez com que os sertanejos transformassem Cícero em um santo. A partir daquele momento sua vida nunca mais foi à mesma. O Padre foi acusado de desobedecer as ordens da Igreja por não comunicar ao bispo o que estava acontecendo naquele lugar.

As romarias ao Juazeiro se intensificavam cada vez mais, o culto aos paninhos ensanguentados continuava e a fama de Cícero se alastrou por todo o Brasil. Padre Cícero começou a receber doações de devotos de todos os lugares. Em pequenas ou grandes quantidades, os romeiros iam deixando em Juazeiro suas esmolas como forma de gratidão ao padrinho.

Dom Joaquim fez o possível para que Cícero se afastasse da beata Maria de Araújo, redigiu cartas nas quais ordenava o afastamento da beata do Juazeiro. Mas o Padre não aceitava a hipótese de tirá-la do seu lugar, causando indignação no bispo. As atitudes tomadas por Cícero e suas conseqüências foram mudando sua história, transformando completamente sua vida. Na perspectiva de Antônio Mendes Costa Braga (2007, p. 15):

Homens que, aparentemente, não tem nada de extraordinário podem num dado momento, agir e tomar posições que se tornam extraordinárias em virtudes de suas conseqüências. E uma boa parte do mérito desses homens é de assumirem com coragem essas suas ações e decisões, inclusive suas conseqüências.

Para Braga (2007) o “milagre do Juazeiro” foi um divisor de águas na vida de Cícero, uma vez que através deste acontecimento, sua vida mudou radicalmente. O dito milagre proporcionou a Cícero a realização de desejos que outrora não seria possível de serem alcançados. “O milagre forneceu a Pe. Cícero as possibilidades para que ele realizasse no plano pessoal o que outrora só se manifestara no plano íntimo e pessoal de suas experiências religiosas” (BRAGA, 2007, p. 17).

Maria de Araújo continuava a transformar a hóstia em sangue, ou simplesmente continuava a sangrar pela boca, como acreditava Dom Joaquim. Era preciso acabar com toda aquela história de milagre, provar que tudo aquilo não passava de um embuste, de uma armação do capelão de Juazeiro juntamente com suas beatas. Segundo alguns estudiosos do caso, foram justamente essas beatas que ajudaram a reforçar o imaginário dos sertanejos quanto à possível veracidade da santidade de Cícero. Para as beatas do Padre, todos aqueles acontecimentos eram sinais de que a humanidade estava vivendo seus últimos dias. Segundo Marcela Guasque Stingham (2000, p. 39):

[...] As beatas começaram a propagar a idéia de que a transformação da hóstia em sangue, aliada a queda recente da monarquia e a instituição do casamento civil obrigatório, que retirava do matrimônio religioso todo e qualquer caráter oficial, seriam indícios seguros de que o fim dos tempos estaria próximo.

Médicos⁵ foram enviados ao local a fim de provar que aquele sangue não tinha origem divina, mas acabavam constatando que “era uma mulher de 28 anos, de compleição frágil, mas nada nela justificava os misteriosos sangramentos” (LIRA NETO, 2009, p. 88). E o mais interessante, aquele fenômeno repetir-se-ia por várias vezes na presença dos médicos que não chegavam a uma conclusão sobre a origem de tantos sangramentos.

Foram abertos Inquéritos Eclesiásticos para a averiguação dos fatos. Cícero passou por interrogatórios feitos pelo próprio Dom Joaquim, o qual estava cada vez mais convicto de que tudo aquilo não passava, utilizando as palavras de Lira LIRA NETO (2009), da mais absurda invencionice.

Para o bispo, zeloso no trabalho de combater o sincretismo da diocese, só haveria mesmo uma palavra para definir o que estava acontecendo em Juazeiro: fanatismo, o casamento da devoção mais sincera com a mais perigosa ignorância. (LIRA NETO, 2009, p. 108).

O culto aos paninhos ensanguentados estavam terminantemente proibidos e com o rumo que estava tomando toda aquela história, Cícero também foi proibido de ministrar sacramentos, sendo em 1896 proibido de realizar missas. Estas proibições por parte da Igreja causavam revolta na população.

Foram muitos interrogatórios feitos a mando do bispo Dom Joaquim. No decorrer dos acontecimentos, as mesmas testemunhas que um dia juraram ter presenciado o tal milagre, inclusive alguns padres e médicos, já deixavam dúvidas quanto à veracidade do que haviam dito com relação ao caso. Muitas beatas também afirmaram não ter falado a verdade quanto às histórias sobre viagens espirituais e encontros com a Corte Celeste.

A situação de Cícero não era nada fácil, mas ele não desistiu de tentar conseguir de volta o direito de celebrar missas e sacramentos. Cícero chegou até mesmo a viajar para Roma⁶ com o objetivo de falar pessoalmente com o Papa. “A pouco de um quilômetro de onde estavam, do outro lado do Tibre, erguiam-se as muralhas do Vaticano. Era para lá que estavam voltadas agora todas as atenções de Cícero. (LIRA NETO, 2009, p. 243). Mas a viagem não surtiu muito efeito, uma vez que Cícero continuou proibido de exercer suas

⁵ De acordo com Lira Neto (2009) os médicos Ignácio de Souza Dias e Marcos Madeira foram os encarregados de examinarem Maria de Araújo e enviar o diagnóstico ao bispo em Fortaleza.

⁶ Padre Cícero viajou para Roma no mês de março de 1898 e retornou ao Brasil em novembro do decorrente ano.

ordens sacerdotais e ainda passou a sofrer com a ameaça de excomunhão e, portanto, a perda de suas ordens, pela Igreja Católica.

De Santo, Cícero transformou-se na figura política mais respeitável do Juazeiro, pois como diz Lira LIRA NETO (2009, p. 271) muita gente ali da cidade, inclusive aqueles que renegavam e criticavam a história de Cícero, ainda iriam se curvar a ele: “se não fosse pela cruz, seria pela espada”.

Cícero passou a lutar pela emancipação do Juazeiro que até então ainda pertencia à cidade do Crato. Para conseguir a independência do lugar, contou com a ajuda do médico Floro Bartolomeu, o qual teve uma importância fundamental na vida política do Padre. O médico que sabia perfeitamente como lidar com os trâmites da política. De acordo com Braga (2007, p. 195) Floro Bartolomeu “foi o verdadeiro homem de ação política do Juazeiro”. Depois de muita luta, de verdadeiras batalhas entre Crato e Juazeiro, este conseguiu sua emancipação em 1911. A partir desta data seria necessário eleger um prefeito para administrar a cidade.

Segundo alguns autores e relatos da própria população, nesta época havia certa disputa entre os “rabos- de- burros” e os “cacaritos”. Os nativos da região, aqueles que verdadeiramente nasceram em Juazeiro, tratavam aqueles que vieram de outros locais como “rabos- de –burros”, e os acusavam de querer tomar conta do lugar. Portanto, o prefeito da cidade não poderia ser um forasteiro. Da mesma forma, estas pessoas vindas de fora também insultavam os nativos, os tratando como “cacaritos”.

De acordo com Lira LIRA NETO (2009) Cícero seria o mais indicado para ocupar o cargo, não era um “cacarito” nem um “rabo-de-burro”. Não nascera no Juazeiro, mas também não era um forasteiro, uma vez que era ele o grande responsável pelo desenvolvimento do lugar. Cícero elegeu-se o primeiro prefeito do Juazeiro, contando com o apoio do oligarca Nogueira Accioly. De prefeito, foi eleito a Deputado Federal. Sua influência era tão grande que muitas vezes o Padre chegou a afirmar que o delegado, o prefeito, o padre de Juazeiro, era ele, Cícero Romão Batista, apesar de ter afirmado muitas vezes que nunca desejou ser político.

De acordo com muitos autores, a participação de Cícero na política, bem como a sua atuação na guerra de 1914, que será elencada mais adiante, consiste em uma das maiores contradições de sua história. Mas é importante ressaltar que se levarmos em consideração a quantidade de romeiros que chegam a Juazeiro do Norte todos os anos, percebemos que estes fatos não abalaram o sentimento que o sertanejo ainda nutre pelo Padre.

Ainda hoje, 80 anos após sua morte, os romeiros ainda se vestem de preto nos dias 20 de cada mês. Esta é uma das mais consistentes provas do quanto o Padre Cícero Romão Batista representa para os nordestinos. O dia de sua morte, dia 20 de julho de 1934, fez o Juazeiro parar e levou para as ruas da cidade, principalmente a rua em que o Padre morava, milhares de pessoas, vindas de todos os lugares do Brasil, todas de luto. Morria o Santo do Juazeiro, que a partir de então seria cada vez mais adorado e exaltado por seus milhares de fiéis.

Como já mencionamos, após o tão polêmico suposto milagre, o Padre Cícero passou a ser interpretado de várias formas. É exatamente a partir deste momento que a imagem do padrinho como um homem bom, generoso, conselheiro e santo, começa a ser instituída.

Na Literatura de Cordel, que consiste na fonte principal dessa pesquisa, o Padre Cícero Romão Batista, possui um “lugar” especial, uma vez que foram produzidos uma infinidade de folhetos dedicados ao padrinho, folhetos que em sua maioria, procuravam enaltecer sua imagem. Lira LIRA NETO (2009) afirma que os folhetos de cordel, representam uma das mais autênticas expressões da tradição nordestina e, foram responsáveis por reforçar a santidade do Padre Cícero. Marcela Guasque Sthinghen (2000, p. 15) também compartilha dessa opinião. Em sua perspectiva:

Trata-se de uma produção que, de maneira geral, mimetiza a canonização operada no plano do imaginário religioso, como resposta as próprias exigências do público em ver representado um padrinho santo e milagreiro. Nos folhetos mais recentes, observa-se a predominância de um padrão canônico de representação.

Portanto, os acontecimentos que aqui foram relatados sobre a interessante história do Juazeiro do Norte entraram para o repertório dos poetas de tal forma que resultou em uma série de imagens e interpretações que são mantidas até hoje com relação ao Padre Cícero.

Histórias que foram passadas de geração em geração e transformou o Padre no santo do sertão nordestino, aquele que fora escolhido para proteger o povo tão sofrido desta região. Sofrimento este que aparece intrinsecamente ligado ao fenômeno das secas, uma vez que estas aparecem nos mais diversos discursos elaborados como a principal causadora de todo o estado de miséria que assola a região.

Neste sentido, faz-se necessário apresentar o Nordeste, mais precisamente o sertão nordestino. Um espaço que aos poucos foi instituído como um local seco, atrasado. Foi

justamente neste espaço que a Literatura de cordel se afirmou e contribuiu de forma intensiva, como já mencionado, para a transformação de um homem em santo.

CAPÍTULO II:

O SERTÃO NORDESTINO COMO ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A CONSTRUÇÃO DE UM SANTO POPULAR ATRAVÉS DA LITERATURA DE CORDEL

O segundo momento da pesquisa tem como objetivo fazer um estudo sobre o sertão nordestino como um espaço propício ao surgimento de verdadeiros santos populares. Para essa discussão, teremos como base um fator determinante: o clima do Nordeste brasileiro, que desde muito tempo se apresenta nos mais diversos discursos elaborados, como uma característica marcante dessa região. As secas foram responsáveis por transformar o sertão nordestino em um espaço marcado pelo abandono, miséria e sofrimento. Esta imagem foi amplamente divulgada pela Literatura de Cordel, que por sua vez apresenta o sertanejo marcado por uma forte religiosidade, onde um fator climático passa a ser interpretado através de uma ótica religiosa. É exatamente dentro deste espaço que apresentaremos a figura do Padre Cícero.

Inicialmente faremos uma abordagem sobre o que se constitui a Literatura de cordel. Levando em consideração o estudo de alguns autores sobre o tema em questão, faremos uma breve explanação sobre aspectos fundamentais desse tipo de literatura, dentre eles: onde surgiu, os motivos do seu significativo desenvolvimento no Nordeste brasileiro, os principais temas abordados pelos poetas, bem como as características do seu público alvo, para que mais adiante possamos fazer a análise propriamente dita da imagem instituída pelos folhetos sobre o padrinho.

2.1 Sobre o cordel.

Do romanceiro popular português originou-se a Literatura de Cordel brasileira. No Nordeste brasileiro, a Literatura de Cordel começou a ser divulgada nos séculos XVI e XVII, trazida pelos colonos portugueses. A partir do século XIX, o romanceiro nordestino tornou-se independente, com características próprias (BARSA *apud* VIEIRA, 2012, p. 27).

São inúmeros os estudos dedicados a apontar uma origem para a Literatura de Cordel brasileira. A maioria dos estudiosos do tema acreditam que uma grande variedade de folhetos

de cordel português foram trazidos pelos colonizadores e vendidos aqui no Brasil. Dessa forma, Galvão (2006), Vieira (2012), Capuani (2010) e tantos outros autores, acreditam que a Literatura de folhetos nordestinos tem sua origem européia. Mas é importante ressaltar que existem autores que discordam desta ideia, como é o caso da autora Márcia Azevedo de Abreu (1999). Segundo esta, os folhetos nordestinos podem até ter tido influência da Literatura de Cordel Portuguesa, mas esta não é a responsável por sua origem. Porém, não é objetivo desse trabalho fazer uma análise aprofundada sobre a origem do cordel, uma vez que:

Procurar uma tal origem é tentar reencontrar “o que era imediatamente”, o “aquilo mesmo” de uma imagem exatamente adequada a si; é tomar por acidental todas as peripécias que puderam ter acontecido, todas as astúcias, todos os disfarces; é querer tirar todas as máscaras para desvelar, enfim, uma identidade primeira. [...] O que se encontra no começo histórico das coisas não é a identidade ainda preservada na origem – é a discórdia entre as coisas, é o disparate. (FOUCAULT, *apud* LIMA *et al.*, s/d, p. 05).

Até meados da década de 1960, as produções dos poetas eram conhecidas apenas como folhetos, versos ou romances, ou seja, não recebiam a denominação Literatura de Cordel. De acordo com Vieira (2012, p. 29) somente “após estudos de pesquisadores, a literatura popular brasileira, recebeu a denominação de Literatura de Cordel, com a intenção de relembrar as origens”.

Assim como Portugal, países como: Espanha, França, Inglaterra, Alemanha, dentre outros, também conheceram esse tipo de literatura.

Nos outros países da Europa esse fenômeno de expressão popular também ocorre; na França são chamados “Litterature de Colportage”, na Inglaterra são chamados de “Cocks” ou “catchpennies” quando no romance é estória magnânima, e “broadsides” quando são inspirados por motivos circunstanciais. (CAPUANI, 2010, p. 12).

A Literatura de Cordel consiste em um gênero literário popular escrito geralmente na forma rimada, originado de relatos orais e depois impressos sob a forma de folhetos, geralmente contendo 8, 16, 32 ou 64 páginas. O nome “Cordel”, segundo muitos estudiosos, originou-se do fato dos vendedores exporem as produções dependuradas em barbantes ou cordões. São produzidos geralmente com papel de baixa qualidade e com capas ilustrativas⁷.

⁷ De acordo com Hata (1999, p. 80) “estampada nas capas, as ilustrações são imediatamente remetidas ao título ou vice-versa [...]. A ilustração nas capas do cordel permite a identificação imediata do núcleo temático da

Em sua origem, estava associada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas de épocas passadas, conservadas e transmitidas pela memória popular. Maria Lúcia Damato Capuani (2010, p. 12) afirma que em Portugal, “estes textos eram manuscritos de aproximadamente 20x15 cm, *in quarto*, com 16 ou 32 páginas, raramente mais, que eram postos a venda pendurados em barbantes (o cordel), pregados nas paredes ou nas portas de Lisboa.

Ana Maria Galvão (2006) afirma em seu estudo, que não há um consenso entre os historiadores quanto ao significativo desenvolvimento dos folhetos de cordel em regiões nordestinas. São muitas as versões que tentam explicar o porquê desses folhetos terem se desenvolvido mais nessa região do país. Para muitos estudiosos do tema, pode-se afirmar que um dos motivos que contribuíram para a fixação do cordel na região Nordeste foram justamente os fatores sociais e econômicos da época.

Desde o início da colonização, o Nordeste brasileiro foi uma região atrasada em relação ao restante do país, no que se refere à economia e educação. Todos os avanços tecnológicos e financeiros do Brasil se iniciavam no Sul e depois se espalhavam no restante do país com grande lentidão. O atraso do Nordeste se agrava com seu clima seco e vegetação caatinga, o que não propiciava a evolução econômica do local por meios rurais. (VIEIRA, 2012, p. 29).

As secas que assolavam a região Nordeste, o surgimento do messianismo, as desigualdades sociais da época, o aparecimento de grupos de cangaceiros que espalhavam o medo na região, o mandonismo dos coronéis. Todos estes fatores, para alguns autores, contribuíram de certa forma para o surgimento de grupos de pessoas que, através de suas músicas e rimas, expressavam o pensamento do povo.

As desigualdades sociais do Nordeste brasileiro forçaram muitos nordestinos a abandonarem sua terra natal e encontrarem no próprio cordel, além do prazer que a poesia proporciona, uma forma de sobrevivência, mesmo o seu custo sendo baixo.

A poesia é considerada um meio de vida, um ramo de atividade profissional, pelos seus produtores e público. Entretanto, é uma atividade diferenciada, já que ser poeta pressupõe um dom, uma capacidade inerente que se descobre num dado momento da vida dos apreciadores da leitura de folhetos [...]. (HATA, 1999, p. 13).

Segundo a autora Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro (2002) a Literatura de Cordel é herdeira direta da literatura oral dos repentistas, uma vez que somente a partir de 1920 é que a poesia oral passa a ser escrita. Portanto, antes do surgimento das tipografias era por meio da oralidade que os poetas expunham suas histórias em rimas para o público.

“Os desafios e pelepas entre cantadores - armados não com espadas, como nos duelos medievais, mas com a voz, com a viola ou com a rabeca - conquistaram presença nos salões das fazendas, nos terreiros de chão batido nos sítios e, mais tarde, nas feiras. (MELO, 2010, p. 57). Esses desafios consistem em uma disputa entre dois cantadores, na qual, um insulta o outro de acordo com um tema específico, dando continuidade aos versos do seu adversário sem “perder a rima”.

Nas chamadas “cantorias”, merecem destaque as pelepas imaginárias. Encontro de cantadores narrando disputas que na realidade nunca ocorreram, mas que encantam o público com seus versos, na maioria das vezes engraçados, prevalecendo à poesia de improvisação. “Os temas tratados pelas poesias improvisadas referem-se à religiosidade, a características ou personalidade de indivíduos do auditório, incidentes do momento como política e fatos ocorridos na região [...]” (VIEIRA, 2012, p. 29).

É importante elencar que segundo Melo (2010, p. 58) a publicação de folhetos só foi permitida no Brasil, após a chegada da Família Real ao nosso país. “[...] Até então, a publicação de impressos era censurada pela corte portuguesa e todos os impressos que circulavam na colônia eram trazidos de Portugal”.

Com o surgimento dos jornais, as tipografias começaram a lidar também com a impressão de folhetos. De acordo com Hata (1999, p. 33):

Isso significa que inicialmente não havia tipografia especializada na publicação de folhetos, o que resultou numa variedade grande de formatos, havendo os de cerca de 18 X 12,5 cm, 16,5 X 10 cm e 15,5 X 11 cm, provavelmente devido ao padrão de folha usada por cada uma das gráficas.

De acordo com Melo (2010, p. 60) “a edição de folhetos popularizou-se graças ao incremento da publicação de jornais, ao reservarem em suas páginas espaços para a publicação de poemas [...]”.

Em uma sociedade na qual a grande maioria da população não era alfabetizada, a leitura em voz alta dos folhetos atraía um público interessado naquelas histórias, promovendo uma aproximação cada vez maior com os poetas. A leitura coletiva, geralmente realizada nas

praças públicas e feiras, proporcionavam dentre outras coisas a obtenção de conhecimento. Nota-se então, que o poeta era considerado um detentor do saber, alguém que tinha um conhecimento a mais e levava informação para seu público. Através de seus versos, interpretava os fatos que estavam ocorrendo a sua volta e fazia críticas à realidade a qual se encontravam.

Portanto, na perspectiva de Luli Hata (1999, p. 13) e tantos outros pesquisadores, o poeta agia como um mediador “entre a literatura popular e a erudita, entre os fatos acontecidos e o povo, entre o governo e a população [...]”.

O primeiro folheto que se tem notícia produzido para escala comercial, foi publicado pelo paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918), em 1893. Ele é considerado o maior escritor do cordel antigo. Este autor colocou em versos, na forma de sextilha e septilhas, os clássicos da prosa de Portugal, conseguiu a impressão e os vendeu em Recife, no estado de Pernambuco.

Segundo Melo (2010) Leandro Gomes também foi o primeiro autor a se preocupar com a questão da autoria de seus folhetos, uma vez que era comum os textos sofrerem modificações sem a permissão do autor da obra, “[...] os conceitos de autor e obra, tal como hoje conhecemos, ainda eram bastante fluidos, ou melhor, podemos dizer que até as primeiras décadas do século XX estas noções eram praticamente desconhecidas na Literatura de Folhetos” (MELO, 2010, p. 64). Portanto, para impedir que seus folhetos não fossem “adulterados” por outros poetas e obviamente para garantir os lucros advindos da venda destes, Leandro Gomes de Barros passou a identificar seus poemas com mais precisão, estampando a sua fotografia, por exemplo.

Além de Leandro Gomes de Barros, muitos outros poetas ganharam grande destaque no processo de consolidação da Literatura de Folhetos Nordestinos. De acordo com Hata (1999) João Martins de Athayde, por exemplo, foi o responsável por fundar a primeira folheteria, surgindo outras editoras em seguida, principalmente a partir da década de 1920, como a tipografia São Francisco⁸, localizada na cidade de Juazeiro do Norte, pertencente a José Bernardo da Silva. Com o surgimento das tipografias, os folhetos passaram a ser vendidos nos mercados públicos e além dos próprios poetas, outras pessoas ficavam encarregadas de vendê-los.

É importante ressaltar que ainda segundo Melo (2010) a publicação desses folhetos não extinguiu as narrativas orais nem as cantorias, pelo contrário, segundo a autora, houve uma

⁸ Para mais informações sobre a tipografia São Francisco, ler Melo (2010).

convivência entre esses três estilos poéticos. Quintela (1996, p. 43) também afirma isso. De acordo com o autor, o cordel e a cantoria aparecem como gêneros indistintos, “as obras entraram para o repertório da cantoria assim como as gestas do romanceiro oral tornaram-se assuntos nos folhetos”.

No Nordeste brasileiro os temas recorrentes nos folhetos de cordel são os mais variados possíveis. Através dos seus versos, os poetas relatam aspectos políticos, religiosos e culturais, histórias de amor, acontecimentos do cotidiano, dentre outros assuntos. De acordo com suas observações e experiências, os poetas narram os fatos. Contam histórias que agrada o público ouvinte, público este, que segundo Araújo (2007) era oriundo das camadas populares da sociedade, da qual a maioria dos poetas fazia parte.

Apesar de consistir em uma literatura que a priori era voltada, como já mencionado, a um público mais simples da população, pessoas do campo em sua maioria, com o tempo os folhetos de cordel passaram a atrair a população urbana, despertando o interesse também de um público pertencente à elite, afinal, como afirma Márcia Azevedo de Abreu (1999, p. 173) essas pessoas “apesar das diferenças econômicas, estavam também imersos numa cultura oral e tinham como uma das principais fontes de lazer as histórias narradas nos folhetos”.

Com o tempo os folhetos de cordel foram ganhando cada vez mais espaço, passando a fazer parte do cotidiano dos nordestinos. Segundo muitos autores, o cordel encontrou no Nordeste as condições perfeitas para sua propagação e ajudou a construir uma imagem para essa região, bem como para o homem sertanejo. Contribuiu ainda e, principalmente, para a elaboração de uma religiosidade popular repleta de representações simbólicas, como veremos a seguir.

2.2 O Sertão da Seca e da Fé: Um Espaço Propício ao surgimento de um santo.

O Nordeste cria em sua difícil geografia um espaço de símbolos e venerações denominado de sertão que é um mundo marcado pela incerteza e pela brutalidade e nele, a forma mais corrente de afirmação consistia em escapar para o sobrenatural para escapar do abandono, da natureza que insistia em castigar o sertanejo. (LIMA, *apud* VIEIRA, 2012, p. 17).

Antes de iniciarmos nossa discussão sobre o sertão nordestino como espaço propício ao surgimento de líderes religiosos e a Literatura de Cordel como principal contribuinte para a construção da imagem do Padre Cícero como santo, faz-se necessário iniciarmos um diálogo com alguns autores estudiosos do tema, para fazermos breves explanações acerca de aspectos

importantes que nos levarão a uma compreensão maior em relação à religiosidade popular tão presente na vida do sertanejo. Inicialmente utilizaremos como base o pensamento do autor Ulisses Abruzio, em seu estudo *A Ação Pastoral do Padre Cícero a partir dos Sertanejos* (2008), para falarmos de forma sucinta sobre o processo de romanização da Igreja.

O processo de romanização, de forma simplificada, caracteriza-se “por uma aproximação da Igreja de Roma, sendo que fortes vínculos foram estabelecidos entre os bispos atuantes no Brasil e Roma” (ABRUZIO, 2008, p. 31). Segundo o autor o objetivo da romanização era fortalecer a Igreja em relação ao Estado, uma vez que por ter passado um longo tempo sob a tutela deste, acabou enfraquecida. Com o processo de romanização, os bispos e padres que antes trabalhavam para o estado, abandonaram, segundo o autor, as práticas políticas e passaram a incentivar a vinda de religiosos estrangeiros para promover aqui no Brasil uma evangelização de acordo com o que pregava a Igreja Oficial.

Os religiosos estrangeiros que aqui chegavam tinham a missão de trazer para nosso povo novas crenças que pudessem substituir as devoções populares que se faziam presentes no sertão e estavam ganhando cada vez mais força em meio aos sertanejos. Segundo Abruzio (2008, p. 33):

A intenção era educar o povo, que na visão da Igreja, era ‘ignorante e inculto’. De origem portuguesa, as devoções populares se expressavam através das romarias, procissões e promessas e, até mesmo de grandes festas. As novas devoções tinham uma base mais sacramental, expressão na visão da Igreja, de fé verdadeira.

Longe dos dogmas estabelecidos pela Igreja, o sertanejo moldava o catolicismo a sua maneira. A força divina para o nordestino não estava ligada somente aquilo que era pregado pela Igreja Católica, ia muito além, estava intrinsecamente ligada a praticamente todas as atividades do cotidiano dessas pessoas. Essa religiosidade que fugia das práticas ortodoxas da Igreja era considerada por esta como fanatismo, misticismo, crenças de pessoas ignorantes.

Mas é de suma importância destacar que segundo a autora Silvana Vieira de Souza (2010) essas práticas religiosas que surgiam em meio à população sertaneja, não se opunham a Igreja Oficial, pelo contrário, se tratava de expressões populares, autônomas, que se aliavam de certa forma as expressões hierárquicas da Igreja.

Os atos religiosos em que comumente se expressava a piedade autônoma do povo eram as romarias, as promessas, as novenas, os terços, os ofícios. É, porém, de notar que esses atos religiosos nunca eram colocados como

oposição a Igreja Oficial. Pelo contrário, eram tidos como supletivos, e neles o povo procurava o mais possível imitar a seu modo os atos oficiais da Igreja. (FRAGOSO *apud* SOUZA, 2010, p. 27).

O fato é que a Igreja não conseguiu atingir o objetivo de combater tais práticas religiosas, pelo menos não no sertão nordestino. Sobre este fato, Abrúzio (2008, p. 33) explica que “no sertão nordestino distante dos centros urbanos, o contato do povo com a Igreja Oficial era pequeno. Só lentamente, as exigências da romanização chegaram por lá. Acrescenta-se, ainda, a escassez de padres nessas regiões”.

A falta de padres, de acordo com o referido autor e Lira LIRA NETO (2009) se dava porque muitos sacerdotes da época estavam envolvidos com mulheres e com questões de corrupção política, fato que ia contra a Igreja Católica. Neste sentido, a população praticamente não contava com o apoio espiritual e os ensinamentos litúrgicos da Igreja por parte dos padres.

Naqueles confins dominados por latifundiários e cangaceiros, quase nunca se rezavam missas ou se ministravam outros sacramentos além do batismo, pela simples ausência de um número suficiente de párocos para fazê-lo. Em todo Ceará, só havia 33 padres para cobrir as quase 5 mil léguas quadradas que compreendiam o território da província. (LIRA LIRA NETO, 2009, p.32).

Este fato contribuiu para a formação de uma infinidade de crenças, de uma religiosidade envolta a elementos simbólicos, que ganhavam força através das pregações dos missionários, principalmente os Capuchinos que ainda segundo Lira LIRA NETO (2009) falavam de um Deus que causava medo, que estava pronto para castigar os pecadores.

Esta imagem que era passada para a população sobre Deus e os ensinamentos dos referidos missionários, colaboravam de maneira intensiva para o surgimento de práticas religiosas que se formavam de maneira espontânea em meio à população sertaneja.

Os autores são praticamente unânimes quando afirmam que os sertanejos encontravam na religiosidade o apoio de que necessitavam, o alívio para o seu sofrimento, causado, dentre outros motivos, pela desigualdade social, pelo abandono por parte do governo e muitas vezes da própria Igreja. É exatamente dentro desse ambiente, marcado por uma expressiva religiosidade popular que figuras como Cícero Romão Batista vão surgir e ganhar força em meio a estas manifestações de fé e devoção, sendo transformado em um verdadeiro santo.

É de suma importância salientar que esse processo de transformação de um homem comum em um santo para o povo nordestino, não se deu somente pelos já mencionados ditos

milagres do Padre. Fatores muito importantes contribuíram para que tal “fenômeno” ocorresse, dentre eles, está o próprio sertão, que se apresenta em inúmeros discursos, inclusive na Literatura de Cordel como um espaço propício para tal acontecimento.

Para entendermos como se deu este processo é necessário fazermos uma abordagem acerca de alguns traços importantes sobre o sertão nordestino, mais precisamente, sobre os discursos elaborados sobre esta região, principalmente aqueles produzidos nas primeiras décadas do século XX, os quais visavam criar uma “identidade” para o Nordeste e o nordestino. Segundo Potier (2013) é exatamente neste período que a Literatura de Cordel conhece sua “fase de ouro”.

Explicando a questão da identidade, Albuquerque Jr (1999, p. 09) afirma que:

A identidade nacional ou regional é uma construção mental, são conceitos sintéticos e abstratos que procuram dar conta de uma generalização intelectual de uma enorme variedade de experiências efetivas. Falar e ver a nação ou a região não é, a rigor, espelhar estas realidades, mas criá-las. São espaços que se institucionalizam e ganham foro de verdade [...]. Nossos territórios existenciais são imagéticos. Eles nos chegam e são subjetivados através da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr (1999), Velasco (2010), Vieira (2012), e tantos outros autores, o sertão nordestino sempre permeou o imaginário do homem brasileiro. Através de diversas formas de produções discursivas, a imagem do Nordeste, bem como do nordestino, foi sendo instituída.

Albuquerque Jr (1994, p. 464) afirma que “o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado”, ou seja, através da literatura, política, arte, pintura, cinema, dentre outros meios discursivos, o Nordeste foi, utilizando as palavras do autor, “inventado”.

A visibilidade e a dizibilidade da região Nordeste, como de qualquer espaço, são compostas também de produtos da imaginação, a que se atribuem realidade. São compostas de fatos que, uma vez vistos, escutados, contados e lidos, são fixados, repetem-se, impõem-se como verdades, tomam consistência, criam “raízes” [...]. São imagens, enunciados, temas e “preconceitos” necessariamente agenciados pelo autor, pelo pintor, pelo músico ou pelo cineasta que querem tornar verossímil sua obra de arte. São regularidades discursivas que se cristalizaram como características, expressivas, típicas, essenciais da região [...]. (ALBUQUERQUE JR, 1994, p. 263).

É importante salientar que estas produções discursivas se intensificaram principalmente na primeira metade do século XX, quando são elaborados diversos discursos a fim de se construir uma identidade nacional para o Brasil, época em que a Literatura de Cordel, como já mencionamos, também conheceu seu auge. Na perspectiva de Cláudia Pereira Vasconcelos (2006, p. 01-02):

Aceitar a multiplicidade e a diversidade de vozes e presenças no Brasil nunca foi fácil para a elite local. Os sentimentos ambivalentes de fascínio e repulsa, preconceito e aceitação, envolvimento e distanciamento e a dificuldade de reconhecimento do “outro” em si mesmo compõe a história da construção da identidade nacional.

Acreditamos não ser necessário abordar aqui os inúmeros discursos que enfatizam o processo de construção da identidade nacional. Mas é importante citar que neste momento em que o Brasil, segundo Vasconcelos (2006) tentava seguir o padrão civilizador europeu, as diferenças entre as regiões Norte e Sul se intensificavam consideravelmente e permeavam os discursos por parte de políticos e intelectuais da época, uma vez que:

Justamente no momento em que o Brasil fazia de tudo para copiar a França e seguir o padrão civilizador europeu, como conviver, por exemplo, com a migração, através da qual vinham exatamente para a capital do Brasil, o Rio de Janeiro, e para o maior centro urbano do país, São Paulo, os nortistas maltrapilhos e miseráveis, denunciando que a febre de modernização do país não passava de uma aspiração? (VASCONCELOS, 2006, p. 03).

De acordo com Albuquerque Jr (1994), inclusive, citado por Vasconcelos (2006) para tentar responder a indagação acima citada, a solução encontrada por intelectuais e políticos era justamente criar/inventar uma divisão regional que mostrasse de forma clara a distinção entre “um Brasil ideal- moderno, rico, industrial [...] e um Brasil ‘real’- atrasado, pobre, rural” (VASCONCELOS, 2006, p.03), ou seja, o Brasil “ideal” seria representado pelas regiões Sul/Sudeste e o Brasil “real” pelas regiões Norte/Nordeste.

Como dito anteriormente, as diferenças entre o Norte e o Sul apareciam de maneira intensa nos discursos dos intelectuais da época. Albuquerque Jr (1994) cita o pensamento de alguns autores como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Oliveira Viana com relação a essas diferenças. Não é necessário elencarmos detalhadamente o pensamento dos autores citados, uma vez que de forma resumida as diferenças que distanciavam o Norte e o Sul foram atribuídas a fatores como a raça e o meio.

O Sul com seu clima favorável, população branca e civilizada seria superior ao Norte, onde havia a predominância de um clima quente e seco, de uma população negra, mestiça, por isso, considerada inferior. Portanto restava a região Norte, seguindo o pensamento naturalista, subordinar-se ao Sul.

Neste momento começa a surgir uma série de discursos que enfatizam o Norte como uma região atrasada, inferior. Segundo Albuquerque Jr (1999) praticamente todas as questões que permeavam esta região passaram a ser atribuídas ao seu clima, mais especificadamente, as secas. “O banditismo, as revoltas messiânicas e mesmo o atraso econômico e social da área, são atribuídos a seca e a grita por sua “solução” torna-se um dos principais temas dos discursos regionais” (ALBUQUERQUE JR, 1999, p. 101).

Ainda segundo o autor, a imagem do Nordeste como uma região seca e atrasada se intensificou através da Seca de 1877, a qual deixou milhares de mortos pelo sertão a fora e foi a primeira a ter uma repercussão nacional através da imprensa. A partir desse momento, os setores políticos começam a reivindicar para as regiões atingidas pela seca, investimentos do Governo Federal para solucionar os problemas advindos das mesmas. “A seca torna-se a partir daí, o problema de todas as províncias e depois dos Estados do Norte” (ALBUQUERQUE JR, 1994, p. 113).

Na percepção de Antônio Mendes da Costa Braga (2007) a Seca de 1877 teve conseqüências tão trágicas, que mudou a percepção dos cearenses quanto a este fenômeno climático “a irregularidade de chuvas deixou de ser ‘apenas’ uma questão climática para se tornar uma questão social” (NEVES *apud* BRAGA, 2007, p. 168). Ainda segundo o autor, a referida seca de 1877, bem como as demais ocorridas nos anos seguintes, contribuíram para desorganizar a estrutura social e econômica da província do Ceará, na qual a população já sofria com a miséria existente no local.

De acordo com Neves (*apud* Braga, 2007, p. 169) as secas do Ceará provocaram ainda:

Com seu impacto que marca profundamente a cultura local, uma mudança significativa nas estruturas de sentimentos com relação a pobreza, as migrações, a caridade, ao trabalho e as responsabilidades sociais perante os pobres. A partir de então, a seca passa a fazer parte permanente da história do Ceará, determinando novas relações políticas e sociais e mobilizando as culturas e as manifestações da arte.

Levando em consideração o pensamento de Braga (2007) e de outros autores citados por este, podemos afirmar que as secas marcaram de forma intensa a cultura local por dois

motivos; primeiro por ter provocado verdadeiras mudanças na vida das pessoas atingidas, utilizando as palavras do autor, provocaram impactos concretos na população. Segundo porque as referidas secas não foram vistas apenas como um fato natural, “foi percebida e vivida como ‘fato simbolizado’, assumindo uma nova forma de existência cultural, na qual seu desenvolvimento e suas conseqüências foram governadas por sua dimensão significativa”. (BRAGA, 2007, p. 169).

Aquelas terríveis secas que assolavam o sertão e eram causadoras de tanto sofrimento, foram interpretadas e vividas, como afirma Braga (2007) através de um viés religioso. De acordo com o referido autor, os sertanejos buscavam encontrar respostas e formular explicações para todo o sofrimento que estavam passando, atribuindo aquele fator climático uma série de significados que de certa forma teve papel importante na sustentação dos fenômenos ocorridos em Juazeiro do Norte.

Padre Cícero atribuía toda aquela desgraça ao castigo de Deus, punição para os pecados do homem, como podemos perceber na carta enviada pelo padre a Dom Joaquim em 1889, ano em que ocorreu o suposto milagre.

Angustiado por tanta aflição, nem sei dizer o que sinto... O tremendo flagelo de fome apresenta-se diante de meus olhos com todos os seus horrores, só um milagre nos poderá salvar [...]. Nosso Senhor acudiu com algumas chuvas [...]. Quem está sem esperança é o pobre distrito do Juazeiro, tão populoso e tão pobre [...]. O que é certo é que perdeu-se tudo e não vejo recurso de salvação, ou morrer ou ser retirante [...]. Temos pedido muito a Nossa Senhora e os meus pecados impedem que ela ouça! [...] Eu sei que Deus vai castigar o mundo com tanto rigor como não se pensa. Se a SS. Virgem não alcançar misericórdia e perdão é como uma tempestade de males que vai envolvê-lo e este ano mesmo é um ano de lágrimas. O Sagrado coração de Jesus e as lágrimas de Maria falem por nós. (DUMOULIN, GUIMARÃES *apud* BRAGA, 2007, p. 170).

Nesta carta podemos perceber que Padre Cícero interpreta as secas através de uma visão religiosa, ou seja, busca no sagrado elementos que justifiquem a situação a qual se encontra o sertão. Acredita que somente um milagre seria capaz de reverter aquele quadro. “Isso dentro do contexto católico do século XIX, quando vigorava um catolicismo profundamente arraigado no sentimento de culpa decorrente de uma hiper-percepção do homem como um pecador” (BRAGA, 2007, p. 171).

A crença do Padre Cícero de que as secas consistiam em um castigo de Deus para os pecadores fica clara em outra carta enviada a Dom Luís em 1878, um ano após uma das piores secas do decorrente século.

Apresso-me em felicitar a V. Exa. Pela lembrança inspirada de empregar o único remédio que pode nos salvar: a consagração desta Diocese ao Sagrado Coração de Jesus. (...). Permita o Sagrado Coração que sejamos ouvidos. Tenho tanto medo; só me parece à seca continua, nem se pode duvidar que tanta avareza, tanta impudícia, tanto assassinato, tanto crime em uma escala nunca vista, faça continuar o castigo ou aparecer outros maiores que Nossa senhora nos livrando é uma grande misericórdia. O Sagrado Coração de Jesus ajuda nossa fé em que só um milagre pode salvar este povo que no castigo está uma imagem viva do povo judeu. (DUMOULIN, GUIMARÃES, *apud* BRAGA, 2007, p. 170-171).

O dito milagre de Juazeiro ocorreu justamente em um ano de seca (1889), este fato, segundo Braga (2007) contribuiu de certa forma para que as pessoas acreditassem na veracidade do fato “neste raciocínio, podemos afirmar que o significado dado ao fato extraordinário por aquelas pessoas, sua própria ocorrência e seus desdobramentos estão intimamente relacionados com a situação climática que se vivia” (BRAGA, 2007, p. 172).

Para muitos, aquele acontecimento correspondia a uma resposta divina às súplicas feitas pelos sertanejos, ou seja, seguindo o raciocínio de Braga (2007) as secas para a população era a consequência de todos os pecados cometidos, todas as ações que iam contra os ensinamentos de Deus, enquanto o milagre consistia em uma graça divina pelas orações, pedidos e promessas para que o sofrimento do sertanejo fosse amenizado.

O sentimento de culpa perante os acontecimentos naturais, o medo do fim do mundo e a esperança de uma possível redenção estava arraigado no imaginário dos sertanejos. Neste sentido as secas representavam justamente, como dito antes, um castigo divino e o milagre uma oportunidade de redenção para aquela gente tão sofrida e ao mesmo tempo pecadora “do ponto de vista de um catolicismo e de uma imagística católica do século XIX, essa idéia do milagre como redenção para os pecados era perfeitamente aceitável para alguém que compartilhava da crença de que os homens estavam mais próximos do caminho do inferno do que do paraíso” (BRAGA, 2007, p. 173).

Esta imagética católica tão presente no sertão nordestino ganhou força e foi amplamente divulgada através da Literatura de Cordel. Leonardeli (2009) explica que o sertão oferece aos poetas da literatura popular, elementos essenciais para a construção de um rico imaginário.

Nesta perspectiva a relação que o homem do campo estabelece com a natureza resulta em uma série de visões e significados que estão nitidamente presentes na Literatura de Folhetos, “o sertão e suas representações resultam, portanto, no ato de observar, de

contemplar a natureza que age indiferente aos anseios do homem que nela insiste pela vida” (VIEIRA, 2012, p.21).

Além de contribuir para transformar tal fator climático em uma das principais características do Nordeste brasileiro, os folhetos de cordel reforçaram a imagem do sertanejo como um homem religioso, uma vez que em uma região marcada por constantes secas e desigualdades sociais como o sertão nordestino nos séculos XIX e XX, mais precisamente, a fé parecia ser a única alternativa para se ter esperança em dias melhores, e o poder de convencimento dos poetas de cordel contribuíram consideravelmente para aguçar ainda mais o imaginário popular nordestino em torno da figura emblemática do Padre Cícero. Como podemos observar no folheto *O Retirante* (1916) de João Martins de Athayde.

É o diabo de luto
 No ano que no sertão
 Se finda o mês de janeiro
 E ninguém ouve trovão
 O sertanejo não tira
 O olho do matulão
 [...]

E lá vai aquela prole
 Sujeitar-se ao cativoiro,
 Limpar cana o dia todo
 Por diminuto dinheiro
 Fazendo dez mil promessas
 Ao santo do Juazeiro

Dizia em oração
 Divino presbítero
 Santo padre Cícero:
 “tenha compaixão
 De nosso sertão
 Olhai por nós
 Que sofrer atroz
 Sem se ganhar nada
 De trouxa arrumada
 Confiamos em vós.

(ATHAYDE *apud* VIEIRA, 2012, p. 24)

Sales (2009) citando Certeau, afirma que as histórias de milagres garantem a uma população sofrida a oportunidade de vitória em um espaço utópico. Portanto, Padre Cícero se apresenta como a esperança e alívio para essa gente, uma vez que milagrosamente poderá amenizar seu sofrimento. Sales (2009) ao citar o trabalho do autor Darcy Ribeiro, *O Povo Brasileiro- A formação e o sentido do Brasil* (1996), afirma que a característica marcante do

povo nordestino é exatamente a sua luta e resistência na terra, bem como a sua religiosidade que parecia dar sentido a vida, e esse sentido era buscado na figura do Padre Cícero.

As populações sertanejas são profundamente místicas, insopitavelmente atraídas pelo maravilhoso, pelo sobrenatural, por tudo aquilo que, inexplicável para elas, significa a manifestação de vontade divina, ou disposição de potência que não é deste mundo. (VIEIRA, 2012, p.11).

A relação da natureza com o sertanejo pode ser percebida de maneira nítida em praticamente todas as atividades do seu cotidiano, nas representações populares, o sertanejo aparece em sua constante espera pelos sinais da chuva, afinal, como afirma Emily Rodrigues dos Santos (2013, p. 01) a sina do sertanejo parece ser justamente esta; esperar. “Em dezembro, cheio de esperança espera pela barra de natal, dezembro passou e viu frustrada sua expectativa. Acreditou mais uma vez, tentou prever a chegada da chuva através das pedras de sal, estas também não lhe deram boas notícias”.

Resta ao sertanejo esperar pelo dia de São José, caso chova, é sinal de que o sertão terá sem dúvidas um bom “inverno”, caso contrário, esperar e ter fé será a única solução. E quando o pior acontece, o sertanejo sabe que por mais difícil que seja, terá que deixar sua terra. Este sofrimento, tão bem representado nos folhetos pelos poetas, principalmente no início do século XX, transmite um tom trágico, melancólico, que segundo Potier (2013) reforça a imagem do sertão como lugar de sofrimento, de miséria, e utilizando as palavras do autor, o sertão aparece como lugar de privação e provação, uma vez que o sertanejo parece está constantemente sendo testado pelo poder e força da natureza.

Se quereis me ajudar
Que chova em janeiro
Que em fevereiro
Eu possa plantar
E possa voltar
Não morra em caminho
Vou indo sozinho
E rezo num dia
Dez Ave-Maria
Para o meu padrinho
(ATHAYDE *apud* VIEIRA, 2012, p. 24)

Dessa forma, nota-se que o poeta além de representante e conselheiro do povo, atua, segundo Vieira (2012, p. 11) como “fomentador do imaginário popular, sobretudo no sertão

nordestino”. De acordo com o referido autor, e Albuquerque Jr (1994) o sertão do Cariri por ser uma região marcada por constantes secas e suas terríveis consequências, faz nascer no homem do campo o sonho de uma vida melhor, a esperança de livrar-se da triste situação a qual se encontra.

Esse sertanejo, portanto, não encontrando outra alternativa, busca no sobrenatural, na religiosidade, a solução para enfrentar as dificuldades de se viver em uma terra “castigada”. Como afirma o poeta Severino José da Silva (Severino do Horto), no folheto *O Valor da Oração e o Mistério do Rosário* (s/d).

O dinheiro se acaba
Somente Deus nos socorre
O agricultor trabalha
O ano é seco e não chove
E tudo corre o contrário
Mas quem reza o rosário
Piza por cima e não morre
(SILVA, s/d, p. 12)

Neste sentido podemos afirmar que a Literatura de Folhetos contribuiu para reforçar a imagem do Padre Cícero como o protetor dos sertanejos, o responsável por tirá-los daquele sofrimento.

Como pudemos perceber nos folhetos acima citados, a Literatura de Cordel também contribuiu para disseminar a imagem do sertão como um lugar seco. Neste sentido, cria um conjunto de representações para as secas que acabam dando espaço para a criação de outros estereótipos com relação ao homem do campo.

Nesta perspectiva, Vieira (2012, p 33) afirma que “[...] não há como negar que é através dos cordéis que a imagem do nordestino enquanto tal, também é moldada”. A exemplo disso podemos citar os discursos que apontam o sertanejo como símbolo de virilidade. Esta virilidade do nordestino, como aponta Albuquerque Jr (1999) geralmente é associada a atos de violência, onde os próprios nomes dos personagens, tais como: Quebra Pedra, Tira Teima, Mata e Esfola, denunciam quão grande é a sua valentia, sua força, afinal de contas “nesta sociedade, o frouxo não se mete, não há lugar para homens fracos e covardes” (Albuquerque Jr, 1999, p. 175). Ainda segundo o autor, nestas representações do Nordeste, ser forte, corajoso e valente era garantia para conseguir ascensão social, conseguir status na sociedade.

Esta valentia do homem sertanejo, tão bem representada nos folhetos, era segundo Potier (2013) consequência além de toda a conjuntura cultural e moral que permeava o sertão,

das condições naturais da região, uma vez que ainda segundo o autor, desde pequeno o sertanejo precisava aprender a ser forte, valente, “macho”, para sobreviver às dificuldades de se viver no sertão.

Segundo Albuquerque Jr (1994) bem como a maioria dos autores que fizeram uma discussão acerca da construção da imagem do Nordeste e do nordestino, destacam o sertão como o espaço da saudade. Nas representações dos poetas, os sertanejos sofrem por ter que partir para outras regiões em busca de melhores condições de vida. Porém, levam consigo a certeza que jamais encontrarão lugar tão belo quanto o sertão. Além das lembranças e recordações de sua terra, o sertanejo carrega a esperança de um dia poder voltar, uma vez que apesar de todas as dificuldades, sabe que ali é o melhor lugar para se viver. E quando a natureza anunciar os primeiros sinais de chuva, o nordestino está sempre pronto para voltar.

Partem qual Eva e Adão
Partiram do paraíso
Não há um abio entre tantos
Que se veja nele um sorriso
Se despedindo um dos outros
Até o dia do juízo

[...]

Oh! Padre santo nos tirai
Desse país de mosquitos
As noites aqui são tão feias
Os dias são esquisitos
Ao passo que no sertão
Os campos são tão bonitos.

(ATHAYDE *apud* VIEIRA, 2012, p.24-25)

É válido salientar que esta saudade nas representações populares, não se limita somente a falta do sertão quando se está distante, mas também a saudade de tempos passados, de um sertão marcado por costumes e tradições que vão se perdendo ao longo do tempo, cedendo espaço para o moderno, para o novo. Para Albuquerque Jr (1999, p. 105):

A saudade como a tradição tem medo da história, lutam para aparecerem como algo sedimentado no tempo, como pedaços redivivos do passado, quando na verdade são invenções do presente. O que está preso a saudade ou fundamentado na tradição parece ser sempre válido, ser sempre verdade e ter sentido em qualquer época. O saudosista assim como o tradicionalista são reacionários ao novo, são construtores, no presente, de territórios que se assemelham ao passado. Saudade, esse enorme medo do diferente.

Portanto, nas representações dos poetas, a saudade do passado, de um sertão onde se podia realizar suas atividades, como diz Vasconcelos (2006) de acordo com os sinais dados pela natureza, está sempre presente.

Os sertanejos costumeiramente apareciam em muitas produções discursivas, como um ser passivo, um homem que abandonado pela sorte, condenado a viver sob o flagelo das secas, conforma-se diante essa triste situação e apenas se manifestam através de orações.

As secas são vistas pelos sertanejos e divulgadas pelos poetas como a época de sofrimento, angústia e desespero, uma vez que tudo nesses meses sem chuvas torna-se mais difícil. A morte dos animais por falta de água, a falta de alimentos, já que é da agricultura que o sertanejo retira seu sustento, a procura dos retirantes por melhores condições de vida em outras cidades. Todos esses fatos são contados nos folhetos de cordel e em muitos deles o próprio sertanejo é responsabilizado por tal acontecimento, fato que, como mencionado anteriormente, fazia parte do imaginário da época e era defendido pelo Padre Cícero. Portanto, rezar, fazer promessas, pedir ao padrinho, parecia ser a única alternativa viável.

Padre Cícero dispunha
De indecifrável missão
Assistente psiquiátrico
A única consolação
Dos pobres e desvalidos
Do nosso imenso sertão
(BATISTA, 2004, p. 08)

Na seca de 1887, Padre Cícero incentivava a população a rezar para tentar amenizar a triste situação em que se encontravam.

Percebe-se que, o que acontecia naquela época ainda repete-se hoje. Em uma tentativa de aproximação com o Padre Cícero e com Deus, os romeiros ajoelham-se diante a sua imagem, em um momento de fé, devoção e esperança pedindo que as chuvas voltem a cair sobre o sertão. Dessa forma, a Literatura de Cordel procura atribuir ao padrinho a imagem de santo milagreiro, uma vez que como afirma Lima (2000, p. 85) para esses poetas que vivem enfrentando um cotidiano difícil devido a todos os problemas advindos das secas “um santo é, antes de mais nada, um ser capaz de prodígios milagrosos”.

Vale ressaltar que mesmo as secas sendo interpretadas como um fato simbolizado, explicadas através da religiosidade, como pudemos perceber nos trechos das cartas escritas por Padre Cícero, Braga (2007) deixa claro que outras questões decorrentes das secas como questões políticas e econômicas, por exemplo, não eram deixadas de lado pelo Padre, ao

contrário, havia por parte deste grande preocupação em encontrar meios para solucionar os problemas causados por tal fator climático.

De acordo com Vieira (2012) após a seca de 1877, Padre Cícero passou a se preocupar cada vez mais com a agricultura, incentivou os romeiros a cultivar a terra e solicitou ao governo medidas que pudessem amenizar o sofrimento em tempos de estiagem, “neste sentido, o Padre incentivou a construção de açudes, reservatórios de água, reflorestamento e abastecimento alimentar” (VIEIRA, 2012, p. 109). Mas tudo isso era regido através de uma forte religiosidade. Incentivava os romeiros ao trabalho e pedia que orassem, fizessem promessas aos santos.

Marco André Oliveira Sales (2009, p. 49) afirma que:

Para as camadas baixas da população nordestina, afogadas na subnutrição e sedentas com a seca, convivendo com a mortalidade infantil, a precariedade de condições de saúde, de higiene, de recursos para enfrentar suas dificuldades, a realidade só pode ser encarada a partir dos conceitos sagrados e das histórias religiosas dos milagres dos santos padroeiros, das devoções, romarias, procissões, ladainhas, fitas e amuletos, e entrega absoluta à vontade divina.

Podemos perceber que é a partir do fenômeno das secas que a religiosidade popular ganha mais força e expressividade nesse espaço e se configura nos versos dos cordelistas. Apesar de narrarem às histórias dos santos, de demonstrarem toda sua religiosidade em seus versos, a Literatura de cordel, segundo Sales (2009, p. 19) não pode ser considerada como um texto religioso, de acordo com a sua perspectiva “desde já deve ser assinalado que ela não é um texto religioso em sentido confessional-dogmático, escrito com a intenção de normatizar doutrinas e moral”.

Ainda segundo o autor, o cordel representa um registro sagrado das crenças, da devoção e das demonstrações de fé do povo sertanejo, uma vez que os poetas transmitem para seus versos um pouco daquilo que acreditam: “seus personagens rezam, sonham, esperam, acreditam, vivenciam, festejam e produzem simbolicamente uma conduta individual e coletiva a partir do imaginário e herança religiosa” (SALES, 2009, p. 19).

De acordo com o referido autor a Literatura de Cordel pode ser considerada como um autorretrato religioso do homem nordestino. Através da religiosidade, de suas crenças, os poetas oferecem explicação para os acontecimentos do cotidiano. Nesta perspectiva, Gurtz (*apud* SALES, 2001, p. 155) afirma que “o mundo não funciona apenas com crenças, mas dificilmente consegue funcionar sem elas”.

A criatividade dos cordelistas está sempre presente em seus poemas quando o objetivo é narrar algum tema bíblico, uma vez que segundo alguns estudiosos do tema, o catolicismo popular não possui uma boa base bíblica. Usando da criatividade, os poetas colocam em seus versos histórias que muitas vezes não estão nos textos sagrados. Dessa forma utilizam toda a sua devoção, todo seu imaginário em torno da profecia dos santos, dos seus ensinamentos, de suas orações. Na maioria dos casos, interpretam os problemas existentes no sertão nordestino como uma realidade irreversível, uma vez que “se Deus determinou assim, logo conforme a vontade divina será feito” (SALES, 2009, p. 65).

Padre Cícero se apresenta nos folhetos de cordel como a esperança em relação aos tempos de seca. É para o padrinho que os sertanejos em uma demonstração de fé, ajoelham-se e pedem que a chuva volte a molhar o sertão, que interceda por eles. Para tanto, rezam, fazem promessas, procissões, oferecem animais em agradecimento a uma graça alcançada, principalmente quando essa graça vem em forma de chuva.

Para os poetas cordelistas, torna-se necessário que os sertanejos demonstrem sua fé para que o padrinho atenda seus pedidos, uma vez que Padre Cícero também era sertanejo, por esse motivo entende perfeitamente as dores de sua gente.

É exatamente esta a mensagem a respeito do padrinho que chega ao sertão através dos folhetos de cordel. Ao mesmo tempo em que mostra um Padre Cícero bondoso, milagreiro, carismático, mostra o sertanejo como um homem fiel a suas crenças, extremamente ligado a religião e ao padrinho.

Eu disse. Existe três coisas no sertão
 É o cantor Aderaldo
 E a coragem de Lampião
 E as cousas prodigiosas
 Do Padre Cícero Romão
 (CEGO ADERALDO *apud* LIMA, 2000, p. 12).

Portanto, podemos afirmar que como principal representante da cultura nordestina, o cordel contribuiu para a construção de todo um imaginário em torno do sertanejo, principalmente no que se refere à religiosidade popular, transformando o Padre Cícero no principal representante desta, uma vez que é no padrinho que o sertanejo encontra a proteção contra os diversos problemas existentes no sertão.

CAPÍTULO 3

AS REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NOS FOLHETOS DE CORDEL

A religiosidade popular pode ser percebida de maneira nítida nas representações culturais do Nordeste brasileiro. Na Literatura de Cordel, a religião representa um dos principais temas dos poetas, que através de suas poesias, narram a vida dos santos, e como não poderia deixar de ser, há uma infinidade de folhetos dedicados ao Padre Cícero; folhetos que narram praticamente todos os aspectos de sua vida: seus milagres, seus conselhos, sua relação com a beata Maria de Araújo, a qual protagonizou o milagre da hóstia; sua participação na política, sua vida dedicada a atender as necessidades do povo sertanejo que, por sua vez, também possuem uma participação especial nas rimas dos cordelistas.

Os folhetos dedicados ao padrinho começaram a ser escritos quando o Padre ainda estava vivo e, ao longo dos anos, os poetas se dedicaram a uma produção que tinha como objetivo a construção de um padre santo, reforçando o imaginário popular quanto à veracidade dos fenômenos ocorridos em Juazeiro do Norte. É de suma importância ressaltar que há uma diferença entre os folhetos escritos enquanto o Padre Cícero ainda estava vivo e aqueles escritos após sua morte. Segundo Sthinghen (2000) é possível perceber nos primeiros folhetos sobre o padrinho que havia certa preocupação por parte dos poetas em narrar aspectos da vida de um homem tão polêmico, um homem que mesmo sendo adorado por tanta gente era duramente criticado pela Igreja e por uma grande quantidade de pessoas que o julgavam como um embusteiro. Além disso, sua atuação política também era criticada.

“Nas três primeiras décadas do século XX, os poetas buscaram lidar com a vida e com os fatos em que se envolveu o Padre Cícero, sem, contudo, ignorar a fé popular” (STHINGHEN, 2000, p. 73). Apesar de muitos poetas se esforçarem para narrar em seus folhetos os feitos milagrosos do Padre, uma vez que Cícero já estava sendo tratado pela população sertaneja como um homem santo, Sthinghen (2000) afirma que em alguns folhetos eram contadas histórias de sua vida que nem sempre condiziam com a imagem que estava sendo construída a respeito do padre, ou seja, em alguns folhetos iniciais não havia por parte dos poetas a intenção de enaltecer a figura de Cícero como santo, pelo contrário, em alguns casos “era possível observar a presença de elementos contextuais que poderiam comprometer a imagem de santo, profeta e milagreiro que, já naquele momento, circulava pelos sertões e era mister representar” (STHINGHEN, 2000, p.72).

Sthinghen (2000) ainda destaca que outro grupo de poetas descrevia em seus poemas suas opiniões a respeito do sacerdote e dos acontecimentos que envolviam a vida deste. Na

maioria das vezes expressavam de forma clara as facetas religiosas do padrinho, dando espaço também para falar das perseguições constantes que o Padre Cícero sofria por parte da Igreja. É válido ressaltar que “as referências a perseguição e as calúnias sofridas, apesar de recorrentes, dificilmente aparecem acompanhadas de informações contextuais explícitas ou das acusações a que o Padre Cícero estaria sendo exposto” (STHINGHEN, 2000, p. 74).

Portanto, podemos afirmar que há uma diferença entre os folhetos mais antigos dedicados ao padre e aqueles de poetas mais contemporâneos, uma vez que com o passar do tempo, a devoção dos poetas foi ficando cada vez mais perceptível nos folhetos, criando “uma série de mecanismos verbais capazes de funcionar na representação de um Padre Cícero que se adequasse, ao mesmo tempo, aos padrões da Literatura de folhetos e as exigências impostas pelo imaginário popular” (STHINGHEN, 2000, p. 73).

Como já mencionado no primeiro capítulo, os ditos milagres ocorridos em Juazeiro do Norte se transformaram em um dos principais assuntos da época. A cidade se transformou em um verdadeiro centro de peregrinação. Todos os dias uma grande quantidade de pessoas vindas de diferentes regiões chegavam à “cidade santa” na esperança de conhecer o santo milagreiro. Ao chegarem a Juazeiro se deparavam com as histórias misteriosas que aconteciam na cidade, histórias estas que ao passarem de boca em boca, aguçavam cada vez mais o imaginário dos poetas, passando a fazer parte das inúmeras narrativas em verso dos folhetos. Rosilene Alves de Melo (2010, p. 51) afirma que “os sinais da presença de uma diversidade cultural foram se tornando cada vez mais fortes e transformaram a cidade num ambiente acolhedor para narradores que elegeram a poesia em verso como estratégia narrativa.”

Com o passar do tempo, mais precisamente após a morte do Padre Cícero, a produção de folhetos dedicados a contar sua história tornou-se mais intensa. Nestes folhetos podemos perceber de forma nítida a intenção de representar o padrinho como um profeta, conselheiro, um homem divino. Os fatos polêmicos de sua história são deixados um pouco de lado para dar lugar a um processo de construção de um padre santo. É possível perceber a preocupação por parte dos poetas em representar um padrinho de acordo com a crença dos sertanejos, uma vez que se acreditando na santidade do padre, é exatamente assim que se quer vê-lo representado.

A mistificação do Padre Cícero nos folhetos de cordel não se dá somente pela exigência do seu público alvo. A crença dos poetas no padre funciona como um reforço aos seus versos, dando mais veracidade àquilo que está sendo contado. Em seus folhetos, esses poetas demonstram o quanto a sua fé e devoção no padrinho é forte. Para isso, utilizam em seus

versos mecanismos em defesa do padre, a fim de comprovar sua santidade. “Perante a lei da verdade/ não vou dizer nada à toa/ padrinho Cícero é uma pessoa da Santíssima Trindade” (MENDES, *apud* LIRA LIRA NETO, 2009, p. 24). Segundo Lira LIRA NETO (2009) João Mendes de Oliveira foi um dos primeiros poetas a enaltecer a imagem do Padre Cícero nos folhetos de cordel.

Assim como João Mendes, poetas como Manoel Caboclo e Silva e João de Cristo Rei, poetas que terão alguns de seus folhetos analisados nesta pesquisa e que foram contemporâneos de Cícero, contribuíram, através de seus versos, para a construção da imagem divina do Padre. Sthinghen (2000) afirma que esses dois poetas juazeirenses, Manoel Caboclo e João de Cristo Rei, foram dois devotos do padrinho, dois homens religiosos que deixavam expressos em seus versos a crença no santo de Juazeiro. Tendo conhecido o padre em vida, Sthinghen (2000) afirma que o incentivo do Padre Cícero foi decisivo para que seguissem a carreira de poetas. “Envolvidos pelo carisma, poder e mistérios do Padre Cícero, os dois poetas afirmam ter recebido do sacerdote encaminhamentos decisivos para o desenrolar de suas vidas” (STHINGHEN, 2000, p. 66).

Os poetas devotos de Cícero expressavam em seus folhetos todo imaginário da população sertaneja em relação ao padre e aos fenômenos de Juazeiro. Esses folhetos passaram a circular pelo sertão divulgando as tantas histórias da vida do padrinho, levando uma mensagem de fé, adoração e respeito pelo seu santo milagreiro. Haviam também alguns poetas que mesmo não sendo devotos do Padre Cícero também procuravam enaltecer a figura do padre, uma vez que era necessário atender as exigências de um público devoto, fiel ao padrinho.

Os poetas, então, agiam em defesa do padre Cícero, em defesa de sua santidade. Referiam-se ao padre como um homem bondoso, carismático, conselheiro. Mas não somente isso, posicionavam-se a favor de uma canonização, canonização esta que se apresenta de forma clara em seus folhetos.

3.1. O Nascimento e uma Possível Predestinação.

Em um processo de canonização que é perfeitamente perceptível ao analisar os folhetos que narram a vida e todos os feitos do Padre Cícero, nota-se que os poetas procuram realizar, como diz Marinalva Vilar de Lima (2000, p. 84) “um exercício de rememoração que alcança o espírito do padre antes de sua encarnação corpórea”, ou seja, narram o seu nascimento envolto a características divinas, sendo o sacerdote um enviado de Deus à terra.

Abraão Batista, poeta juazeirense, nascido em 1935, um ano após a morte do padre Cícero, dedicou muitas de suas produções a narrar a vida do sacerdote. E como poderemos perceber, consiste em um dos muitos poetas que enaltecem a imagem de Cícero em seus folhetos. Abraão Batista procura deixar claro em seus versos a origem divina de Cícero, conforme apresenta no folheto *O Nascimento do Padre Cícero* (2004).

Eu peço a Jesus Cristo
A sua nobre licença
Para dar nessa história
Toda luz, força e presença
Acontecimento desse
Comprovação se dispensa
(BATISTA, 2004, p.01)

O que nos chama atenção já no início do poema é o respeito do poeta para com Jesus Cristo, uma vez que antes de começar a narrar tal acontecimento, é necessário pedir licença em uma demonstração de respeito e devoção. Esta atitude é comum na maioria dos poetas, deixando em evidência nos folhetos a sua forte religiosidade. Ao mesmo tempo em que demonstra o seu respeito, comunica ao leitor que o fato que será narrado não precisa de comprovação, na tentativa de convencê-lo quanto à veracidade do caso.

Jesus Cristo veio ao mundo
Muitas vezes, e ainda vem
Transformando o corpo
Como outro Matusalém
Para ver se o seu povo
Pela justiça se retém
(BATISTA, 2004, p. 01)

O poeta afirma que Jesus cristo veio muitas vezes a Terra em forma de outras pessoas para ver os pecadores se redimirem. Em muitos discursos, Cícero aparece exatamente como um enviado de Jesus ou o próprio, que viria para a Terra a cumprir uma missão, e o sertão nordestino teria sido o local escolhido

Joaquim Romão Batista
Casado com dona quinô
Entre graças de Jesus
Um rebento, então gerou
Semelhante qualquer casal

O nascimento esperou.

E no dia vinte e três
De março de oitocentos
Ano quarenta e quatro
Assim consta nos assentos
Nasceu deles uma menina
A mais linda dos rebentos.
(BATISTA, 2004, p. 03)

Nota-se que até então, nada de extraordinário, dona Quinô, segundo o poeta, teria tido uma gravidez normal, não havia indícios de que estaria pronta para dar a luz a um enviado de Deus a Terra. Mas percebemos aqui dois fatos interessantes; o primeiro refere-se ao fato de dona Quinô ter dado a luz uma menina. O anjo Gabriel a teria trocado por Cícero. O segundo refere-se à data do nascimento do padre. A história do nascimento de Cícero sempre permeou o imaginário da população sertaneja, uma vez que assim como praticamente todos os acontecimentos de sua vida, o seu nascimento também gerou polêmicas.

Lira LIRA NETO (2009) afirma que segundo o que está escrito no livro de batismo, Cícero nascera no dia 24 de março de 1844, mas mesmo apesar de toda a seriedade presente neste documento, muitos críticos de sua história o acusam de ter alterado a data do seu próprio nascimento, com o intuito de vinculá-lo a data da visita do anjo Gabriel a Maria, exatamente nove meses antes do natal.

Na verdade, Cícero teria nascido no dia 23, exatamente como consta no poema. Mas é importante ressaltar que não há comprovação quanto à veracidade deste fato.

Não há provas, contudo, que corroborem essa acusação específica de mitomania. O que se sabe ao certo é que o filho de dona Quinô e do pequeno comerciante Joaquim Romão nasceu um caboclinho de longas orelhas de abano e, de fato, cabelos alourados e um surpreendente par de olhos azuis-características que ajudaram a associar sua imagem ao cristo caucasiano das gravuras de origem medieval. (LIRA LIRA NETO, 2009, p. 24).

Nas estrofes seguintes, percebemos que para chegar ao ponto principal do tema, o nascimento de Cícero, o poeta não abre mão de apresentá-lo em meio a elementos simbólicos, a uma representação que foge completamente do real para atingir um nível espiritual, a fim de construir para o Padre a representação de um nascimento digno de um verdadeiro enviado de Deus, digno também da vida que Cícero levaria anos depois. O nascimento de um homem que

conseguiu atrair milhões de devotos deveria ser exatamente como narrado no poema. Trazido por um anjo em meio a uma intensa claridade celestial.

(...) a meia noite do dia
 23 daquele ano
 No final da madrugada
 Nesse mundo tão profano
 Bem no meio de um clarão
 Apareceu um arcano.

Do céu descia uma luz
 Com enorme claridade
 E do feixe luminoso
 Vinha uma entidade
 Que trazia um menino
 Com muita sobriedade.
 (BATISTA, 2004, p. 04)

Esta passagem mostra que Cícero não teria sido gerado no ventre de uma mulher. Dona Quinô, assim como Maria, mãe de Jesus, fora escolhida por Deus para ser mãe de um homem divino, mas ao contrário de Maria, Quinô não teve a oportunidade de gerá-lo em seu ventre. De acordo com a tão famosa história do seu nascimento, a luz que envolvia o arcanjo era tão intensa que deixara sua mãe completamente cega. Este seria um sinal do céu para que dona Quinô não tornasse público o que acontecera naquela noite.

O anjo chegou na rede
 E com sua sagrada mão
 Trocou a filha menina
 Por Padre Cícero Romão
 Depois, com ela no braço
 Ele se levantou do chão.
 (BATISTA, 2004, p. 04)

Percebemos neste folheto, bem como em tantos outros do autor Abraão Batista, que seus versos tendem a reforçar a idéia de Cícero como um homem escolhido, uma vez que segundo o autor, Cícero na verdade não seria o filho legítimo de dona Quinô, mas um enviado dos céus. A chegada de Cícero representaria a vinda de um salvador da humanidade, aquele que veio para libertar o mundo do pecado.

Existe uma grande quantidade de folhetos que narram a história do nascimento de Cícero. Todos os folhetos utilizados para a referente pesquisa tratam este acontecimento como

algo extraordinário, misterioso, levando o leitor à admiração de tal fenômeno. De acordo com Marinalva Lima (2000, p. 89):

Os poetas buscam retirar do sacerdote a mácula do “*pecado original*”, versejando-lhe um nascimento aos moldes de um messias, enviado. São versos que remontam a um ambiente celestial com preexistência física e que garantem a sagração do nascimento a partir do artifício da “troca misteriosa das crianças”

Essa história assim
Quando eu era pequeno
A minha mãe me contava
Com o seu olhar bem sereno
Que inda hoje me lembro
De tal segredo supremo.

Mas agora já crescido
Faço uma comparação
Daquele extraordinário
Que me dizem ser ilusão
Comparo com a história
De Buda, Jesus e Adão.
(BATISTA, 2004, p. 06)

Podemos perceber que mesmo tendo afirmado no início do folheto que este acontecimento dispensa comprovação, o autor afirma que depois de crescido já não o contam aquele extraordinário fenômeno com tanta certeza como fazia sua mãe. Mas faz uma comparação com outros personagens que também tiveram o seu nascimento marcado por mistérios, por uma simbologia que encanta aqueles que acreditam, como a história de Buda, Adão e Jesus.

Na história de Buda, sua mãe, Maya, engravidou através de um sonho. Adão foi criado diretamente da terra, do barro vermelho, a imagem e semelhança de Deus na Terra. Jesus, segundo a Bíblia, foi gerado milagrosamente no ventre de uma virgem, Maria, que deu a luz ao filho de Deus. Ao fazer tal comparação, o poeta reforça o imaginário em torno do nascimento de Cícero, dado a importância que Jesus, bem como os demais personagens, tem para seus devotos. Na perspectiva de Marinalva Vilar de Lima (*apud* QUEIROZ, 2000, p. 85):

Na poética sobre o nascimento de Cícero, estamos diante de um enviado da divindade, que vem a Terra cumprir uma missão, para a qual os poetas apresentam-no como uma força prática, e não como uma crença passiva e

inerte de resignação e conformismo, pois nele está depositada a responsabilidade pelas condições do mundo.

Ainda tendo como base o estudo de Marinalva Lima (2000) a autora cita uma estrofe de um folheto do poeta Miguel Paulo de Oliveira. O referido autor, segundo Lima (2000) nasceu em 1905 e faleceu em 1974. Portanto, foi um poeta contemporâneo de Cícero. Ainda segundo a referida autora, Oliveira chegou ao Juazeiro em 1918 e foi educado pelo Padre Cícero.

Quando meu padrinho Cícero
 Estava no seu encanto
 Unido ao pai eterno
 Com Cristo e o Espírito Santo
 [...]
 Disse a Virgem sendo assim
 Só vai de nome mudado
 De Cristo muda para Cícero
 Para não ser censurado
 O rosário é teu escudo
 Branco, preto, cego e mudo
 Atenderá teu chamado.
 (OLIVEIRA *apud* LIMA, 2000, p. 91)

Percebe-se então que na visão do poeta, o Padre é a própria reencarnação de Cristo. A mando de Nossa Senhora, Cícero é enviado à Terra para cumprir sua missão. É de suma importância salientar que esta imagem de Cícero como um homem escolhido por Deus e Nossa Senhora para cumprir a missão de levar o homem à salvação, não foi difundida somente pelos poetas e devotos do padrinho. De acordo com alguns discursos, o próprio Cícero chegou a propagar esta ideia. Barros (*apud* VIEIRA, 2012, p. 117) afirma que:

Vocês que vem de terras distantes... Sofrendo privações, a fome, a sede, o sol e as intempéries dos longos caminhos, tudo por amor a visitar a Nossa Senhora das Dores e o padre velho do Joazeiro, fiquem certos de que a Mãe de Deus recompensará a todos. E quanto a mim, não acreditem no que propalam, dizendo que vou deixar esse lugar. Não acreditem porque Joazeiro é a cidade da Mãe de Deus, e ela foi quem me colocou aqui. Só deixarei Joazeiro quando completar a salvação de vocês todos.

3.2. O Santo Milagreiro.

Segundo Marinalva Vilar Lima (2000, p. 85) os milagres atribuídos ao Padre Cícero consistem no tema que alcança maior dimensão entre os poetas, “sendo utilizados de maneira geral, para exemplificarem quão grande é o poder do sacerdote, mesmo nos folhetos que não os tem como elemento fundamental”. Ainda segundo a autora, há por parte dos poetas a necessidade de narrar os feitos “extraordinários” do Padre para comprovar a sua santidade e a veracidade dos demais fatos a serem narrados, uma vez que como já foi mencionado no capítulo anterior, para os poetas que vivem em um ambiente marcado por tantos problemas, um Santo necessariamente deverá ser capaz de prodígios miraculosos. “É o milagre que diretamente respalda a autoridade divinal” (LIMA, 2000, p. 58).

Como foi exposto no início deste capítulo, nas primeiras narrativas elaboradas a respeito do Padre, ou seja, aquelas produzidas nas primeiras décadas do século XX existia por parte dos poetas certo receio em falar sobre os ditos milagres, como podemos perceber no folheto *A Convivência do Joazeiro e a Formalidade do Padre Cícero* (1923), do autor Romano Elías, um poeta nascido em 1901 e falecido em 1981. Como poderemos perceber na estrofe citada a seguir, Romano Elías assim como tantos poetas de sua época se recusa a falar abertamente dos milagres do padre.

Não quero dizer que ele seja um Santo milagreiro
 É muito bom conselheiro
 É um padre religioso
 Não tem esse nem aquele
 Tudo é fácil para ele
 O que eu acho custoso
 (ROMANO ELÍAS *apud* STINGHEN, 2000, p. 80)

Percebemos nesta estrofe o medo por parte do poeta em falar sobre os feitos milagrosos do padre. Nota-se que o poeta não querendo comprometer-se, não deixa clara a sua opinião quanto à santidade de Cícero, mas ao mesmo tempo não deixa de enfatizar a imagem do padrinho como um homem bom, conselheiro do povo, que está sempre pronto a ajudar a sua legião de romeiros. Em alguns folhetos dessa época, a imagem de um homem caridoso é o que prevalece, em detrimento de atribuir ao Padre fatos que evidenciem o seu caráter divino.

Esta resistência por parte dos poetas se dava pelo fato do posicionamento da Igreja Católica quanto aos acontecimentos de Juazeiro do Norte. Como sabemos, a história da hóstia

que se convertera em sangue de Jesus na boca da beata Maria de Araújo em 1889, gerava indignação dentro da Igreja. Depois que os acontecimentos do Juazeiro passaram a estampar a capa dos principais jornais do estado, transformou o fato em um dos assuntos mais comentados da época.

O acontecimento da hóstia transformar-se em sangue soou para a população cariense como uma graça divina. Será que Deus resolvera ouvir as súplicas daquele povo tão sofrido do sertão, que implorava aos céus o alívio para aquela difícil condição a qual se encontrava a população, vítimas do abandono? Aquele “milagre” foi uma esperança para aquela gente. Para a população sertaneja, Deus teria voltado seus olhos para o sertão e resolvido fazer milagre no Cariri e pelas mãos do tão respeitado Padre Cícero. Rapidamente Juazeiro do Norte foi considerada por aquela legião de romeiros que ali chegavam como o “centro da salvação”.

A Igreja passou a tomar providências para investigar o caso e conseguir provar que tudo aquilo não passava de invenção. Depois de muitos interrogatórios, Cícero viu aos poucos sua situação agravar-se, foi proibido de exercer suas ordens sacerdotais e as críticas recebidas quanto as suas atitudes diante aos fatos, o transformaram em um homem polêmico. Eram exatamente estas críticas que inibiam os poetas de falarem a respeito do suposto milagre.

Os poetas preferiam se calar quanto a tais acontecimentos, deixando evidente em seus folhetos a preocupação com aspectos da Questão Religiosa, como afirma Sthinghen (2009, p. 79):

Isso fica ainda mais evidente quando se analisa a própria cautela de alguns deles em proclamar os dotes taumaturgos do padre Cícero, a que se soma o total silenciamento em relação ao Milagre da Hóstia, justamente o responsável por toda a notoriedade do padrinho e o subsequente crescimento da cidade de Juazeiro.

A resistência dos poetas em falar dos feitos milagrosos do Padre não se dava pelo fato de não acreditarem em todas aquelas manifestações religiosas. Na perspectiva de Sthinghen (2009) não havia um distanciamento voluntário. Na verdade o que havia era o medo da repressão clerical vivida por Juazeiro naquele momento, uma vez que o bispo do Ceará decretou uma série de ordens que deveriam ser devidamente obedecidas pelo povo do Cariri. Uma delas consistia na proibição do culto aos paninhos ensanguentados que ficava cada vez mais intenso na medida em que o tempo passava.

O culto aos paninhos era feito inicialmente na capela de Nossa Senhora das Dores, onde foram colocados dentro de uma urna para que pudessem ser adorados pela população. O

bispo proibiu também a adoração às medalhinhas ou qualquer objeto que tivesse a figura de Cícero ou da beata Maria de Araújo.

Portanto era preferível para os poetas falarem somente de fatos corriqueiros na vida do Padre; aqueles que não causassem nenhum tipo de polêmica ou problemas para eles, uma vez que temiam a opinião e a represália por parte dos padres, bispos e da Igreja de uma forma geral.

Mas, se havia certa intimidação para falar dos milagres, milagres estes que não consistiam somente na transformação da hóstia em sangue, mas também nas várias histórias narradas por beatas que juravam ter presenciado cenas extraordinárias naquele lugar, os poetas não economizavam esforços para atribuir ao Padre características de um homem extremamente caridoso, talvez para compensar o fato de não poderem expor a sua crença no Padre como um homem Santo.

No entanto, nos anos seguintes esta resistência acaba, principalmente a partir das décadas de 40 a 90, período que segundo Sthinghen (2009) ocorreu um verdadeiro processo de canonização do Padre. No folheto do poeta Severino José da Silva, mais conhecido como Severino do Horto, intitulado *Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo* (1991), podemos perceber que o poeta procura não deixar dúvidas no leitor que aquele fato realmente foi verídico.

Severino do Horto é um poeta pernambucano nascido em 1922, sendo que somente em 1949 passou a morar na cidade de Juazeiro do Norte. Segundo Francisco Régis Lopes Ramos (2001) Severino foi um dos tantos imigrantes que chegavam ao Juazeiro na esperança de uma vida melhor, esperança que estava intrinsecamente ligada a figura do Padre Cícero. Como já mencionamos, a partir da década de 40 não há mais por parte dos poetas o medo em falar do padre como um homem santo.

Botei a pena na mão
Com o coração nervoso
Para descrever em versos
Um assunto melindroso
Desta verdade eu não fujo
Sobre Maria de Araújo
E o sangue misterioso

No ano de oitenta e nove
Padrinho Cícero Romão
Celebrava na Matriz
No altar do coração
De Jesus que não tem falha

O sangue banhou a toalha
Caindo pingos no chão

Padrinho Cícero Romão
Cheio de amor e bondade
Deste ato de importância
Ninguém negue a verdade
Deus fez o que fez na cruz
Pois com seu sangue Jesus
Reina toda eternidade
(SILVA, 1991, p. 03)

Podemos vislumbrar através deste folheto que mais uma vez a imagem de Cícero como um homem bom foi reforçada pelo poeta. Este alerta o leitor para a veracidade do milagre quando afirma que “ninguém negue esta verdade”.

Aquele sangue para os romeiros era exatamente o sangue de Jesus que estava sendo derramado mais uma vez sobre a Terra. A partir deste momento, Juazeiro na visão dos romeiros e poetas passou a ser considerada como a Nova Jerusalém, comparação que também aparece em vários folhetos.

A Serra do Catolé, onde hoje se localiza a estátua do padrinho seria o novo Monte das Oliveiras, o Riacho Salgadinho foi comparado ao Rio Jordão e os romeiros que consistiam em uma população de pessoas simples e humildes se apresentavam exatamente como os apóstolos escolhidos por Cristo, homens do povo, humildes pescadores.

Mas satanás invejoso
No plano de perturbar
Disse: Bispo humilhe o padre
Mande ele se calar
Faça que Cícero Romão
Negue a manifestação
E a Igreja renunciar
(SILVA, 1991, p. 04)

O poeta atribui as atitudes do bispo às artimanhas do Satanás. Interessante notar a visão dos poetas quanto à posição da Igreja diante os fatos do Juazeiro. Mesmo sendo o bispo uma das figuras mais importantes e respeitadas da Igreja, por se posicionar contra as ditas manifestações divinas de Juazeiro, Deus não poderia está ao seu lado. Quando satanás pede ao bispo que “humilhe o padre”, que “mande ele se calar” provavelmente está se referindo as

diversas vezes que Cícero foi repreendido pela Igreja e foi obrigado a passar horas de interrogatórios, como o acontecido em 1891, na cidade de Fortaleza, no Ceará.

Cícero, segundo Lira LIRA NETO (2009) ficou horas respondendo aos questionamentos de Dom Joaquim e por mais duas autoridades religiosas, o Monsenhor Hipólito Gomes Brasil e o secretário do Paço Episcopal Padre Clycério da Costa Lobo. Após jurar com as mãos postas sobre a Bíblia que falaria somente a verdade, Cícero foi obrigado a responder várias perguntas sobre os supostos milagres.

Dificilmente ele escaparia ileso daquela sala decorada com móveis sóbrios, situada no andar superior do palácio episcopal, junto à biblioteca e bem contígua do escritório do bispo. Cícero seria sabatinado pelos membros mais graduados do Clero cearense, homens fiéis a Roma e a ortodoxia. (LIRA NETO, 2009, p. 95).

A cada interrogatório, Cícero ficava incumbido de obedecer às ordens do bispo, ordens que aos poucos restringiu sua atuação como padre, talvez seja exatamente esta a humilhação que o poeta enfatizou em seu poema. As constantes represálias sofridas pelo Padre, as acusações e principalmente as proibições, como ministrar sacramentos, por exemplo, causava segundo muitos autores, uma imensa tristeza no padrinho, uma vez que exercer as atividades sacerdotais, de acordo com vários discursos, consistia em um sonho de infância para Cícero.

Padre Cícero chegou até mesmo a receber ordens de devolver as esmolas recebidas dos milhares de romeiros que chegavam a Juazeiro e presenteavam o padrinho, seja como forma de gratidão por alguma graça alcançada ou simplesmente com o intuito de demonstrarem a sua fé em Cícero. Mas devolver as doações das pessoas de praticamente todas as regiões do Nordeste consistia em uma tarefa muito difícil. “Como seria impossível localizar cada ofertante entre centenas de milhares, o bispo ordenava que cada tostão fosse distribuído aos pobres e a obras de caridade” (LIRA NETO, 2009, p. 202).

Padrinho Cícero Romão
 Foi um homem honrado e forte
 Disse- a verdade eu não nego
 Antes eu prefiro a morte
 Sou um padre nordestino
 Não nego o sangue divino
 No Juazeiro do Norte
 (SILVA, 1991, p. 05)

Podemos vislumbrar que Cícero, segundo o poeta, afirmou estar do lado da verdade, que mesmo sofrendo pesadas críticas, represálias e punições por parte da Igreja, não abriu mão da verdade e confirmou que o sangue que escorrera por diversas vezes da boca da beata, tratava-se realmente de sangue divino, preferindo o Padre morrer a ter que dizer o contrário, como consistia no desejo do bispo Dom Joaquim e de muitos padres envolvidos no caso. Cícero chegou a afirmar em interrogatório que “não posso duvidar, porque vi muitas vezes” (LIRA NETO, 2009, p. 77).

Ao responder os questionamentos sobre o caso, Padre Cícero confirmava que Maria de Araújo realmente era uma mulher abençoada, e que tais acontecimentos eram de origem divina, mesmo sabendo que poderia sofrer graves conseqüências com suas atitudes. Neste folheto percebemos ainda que Maria de Araújo é tida como uma heroína, uma vez que a partir do momento em que a beata começou a transformar a hóstia em sangue se iniciaram as romarias ao Juazeiro e aquelas milhares de pessoas que chegavam na região passaram a tratá-la como uma verdadeira santa.

Maria de Araújo
 Foi santa desde menina
 Tornou-se uma heroína
 Na fé e na oração
 O padre Cícero Romão
 Sempre se encontrava ali
 Para bem lhe garantir
 Os médicos lhe examinando
 E a beata comungando
 Heroína do Brasil

Na velha Jerusalém
 Jesus foi crucificado
 Depois de ressuscitado
 Vai a esta nova também
 Os anjos disseram amém
 Feliz este Cariri
 Jesus passou por aqui
 Muito sangue derramando
 E a beata comungando
 Heroína do Brasil
 (SILVA, 1991, p. 06-07)

Ao afirmar que Maria de Araújo foi santa desde menina, o poeta demonstra a sua crença nas histórias que eram contadas sobre a infância da beata. De acordo com Lira Neto

(2009) Maria de Araújo afirmou algumas vezes em interrogatórios que desde menina foi capaz de ver aparições do anjo da guarda e até mesmo do menino Jesus.

Cerca de um século depois da camponesa alemã Ana Catarina Emmerich jurar ter passeado de mãos dadas com o pequeno Cristo pelos jardins e prados da Germânica Westfália, a beata cariense dizia que tivera a oportunidade de pajear o Deus menino pelos quintais e ruelas de Juazeiro. (LIRA NETO, 2009, p. 113)

É interessante notar também que a comparação entre a história de Cícero com a de Jesus Cristo está presente em praticamente todos os folhetos. Em alguns poemas, a perseguição religiosa que Cícero sofreu é comparada com a perseguição e todo sofrimento de Jesus, ambos no cumprimento de suas missões aqui na Terra.

Acreditamos que a comparação feita nos folhetos se dá obviamente com o intuito de enaltecer ainda mais a imagem de Cícero como um homem santo, uma vez que assim como Jesus, Cícero foi perseguido e torturado por aqueles que não acreditavam em suas palavras e atos. As críticas sofridas por Cícero, as punições por parte da Igreja, as acusações feitas pelos inimigos que aos poucos foram surgindo em seu caminho, enfim, as atitudes dos ditos “profanadores”, causaram ao Padre um sofrimento que aparece nos folhetos em analogia a toda dor e sofrimento pelo qual passou Jesus Cristo durante sua missão redentora e no momento da crucificação.

Difícilmente encontramos algum folheto que ao falar do Padre Cícero não cite o nome de Jesus, talvez para reforçar a fé no Padre por parte dos devotos, ou, simplesmente, por acreditar na semelhança entre essas duas figuras. O fato é que ao comparar as duas histórias ou mostrar Cícero como um “imitador” de Cristo, o poeta enaltece a sua imagem, uma vez que se Jesus sofreu com a injustiça daqueles que não acreditaram em suas palavras, em suas pregações religiosas, e mesmo inocente foi morto na cruz, Cícero também estaria sendo vítima da injustiça dos homens, “condenado” por falar a verdade. Portanto, Cícero, assim como Jesus, não seria um falso profeta, mas um santo que veio a Terra para salvar os pecadores.

A comparação estabelecida pelos poetas não se restringe somente ao sofrimento passado por estas duas figuras. A serra do Horto, por exemplo, na qual Cícero começou a construir uma igreja em agradecimento às chuvas que voltaram a cair sobre o sertão depois de uma “terrível” seca, passou a ser considerado um espaço sagrado. Mesmo não tendo a sua igreja construída, visto que o bispo Dom Joaquim proibiu o término da obra, a serra do Horto para os milhares de devotos de Cícero foi comparada ao Monte das Escrituras Bíblicas, local

onde por diversas vezes Deus havia se manifestado e onde Jesus fez suas pregações. Della Cava (*apud* PINHEIRO, 2009, p. 09) afirma que:

Durante a construção da “catedral”, o povo transformou Joazeiro em terra santa. A serra do Catolé foi rebatizada como serra do Horto e era identificada com o Jardim das Oliveiras onde Cícero, assim como tinha sido com Cristo, suportava o seu martírio. Paralelamente o caminho íngreme talhado de pedra, ligando a aldeia ao Horto, tornou-se conhecido como caminho do calvário, ao longo do qual capelas em miniaturas sob a supervisão de Elías Gilli, um evadido italiano que virou beato, abrigavam as estações da Via Crucis. (PINHEIRO, 2009, p. 09).

Além das comparações feitas pelos poetas e pelos próprios romeiros com a história da vida de Jesus, os milagres são sem dúvida, de acordo com os poetas, a prova da santidade do Padre. É o que poderemos observar no folheto *Os Milagres de Juazeiro* (2012), do autor José Edmilson Correia (Zé Mutuca), onde o poeta enaltece a figura de Cícero como um homem milagreiro, que com suas pregações religiosas transformou a cidade de Juazeiro do Norte.

[...]

Há muitos anos atrás
Cento e trinta mais ou menos
Meus avós eram pequenos
Ou moça e rapaz solteiro
Não me foge a memória
Por aí começa a história
Da cidade de Juazeiro

Me referi a cidade
Mas nesse tempo não era
Era mais que uma tapera
Com casinhas de sapé
Não existia edifício
A vida era um sacrifício
Mas o povo tinha fé.
(CORREIA, 2012, p. 06)

O autor remonta o leitor às origens de Juazeiro do Norte, quando a cidade ainda não passava de um pequeno aglomerado, chamado Tabuleiro Grande, um lugar que aparece nos discursos como um local de perdição, justamente por não existir um representante religioso que pudesse por ordem na “bagunça” em que o local se encontrava.

O poeta ressalta a fé do povo sertanejo que ali vivia, mesmo com todos os problemas presentes na região. Principalmente os problemas relacionados à miséria ocasionada pelas

secas, àquela pequena população já nutria uma grande fé e a partir do momento em que aquele jovem sacerdote chega ao local, esta fé se intensifica.

Juazeiro não era santo
 O padim Ciço é que era
 Certa noite ele tivera
 Uma visão com Jesus
 Dizendo que aqui na Terra
 Para o povo que erra
 Seria ele uma luz.

Na manhã do outro dia
 Nada disse pra ninguém
 Mas o sonho não contou
 Sua surpresa foi tanta
 Quando viu a hóstia santa
 Em sangue se transformou.
 (CORREIA, 2012, p. 08)

Cícero seria, portanto, de acordo com o poeta a salvação do seu povo, a esperança em dias melhores, a luz que faltava em seus caminhos.

Mas os milagres do padrinho nos poemas não se restringem somente ao fenômeno da transformação da hóstia em sangue, mas também em uma série de acontecimentos misteriosos que teve a participação direta do Padre Cícero, como por exemplo, a cura de doenças e depoimentos de loucos que afirmam ter recuperado o juízo, como é o caso contado no folheto *Padre Cícero e a Cura de um Louco* (1926), do autor Abraão Batista.

[...]

Quando ainda, garoto
 Conheci certo senhor
 De profissão, macineiro
 Também, músico de valor
 Chamado Josué Holanda,
 No bombardino da banda
 Tocava com todo ardor

[...]

Pois bem, Josué Holanda
 Certo dia me contou:
 Morava em Ibiapaba
 Quando sem juízo ficou
 Por isso o amarraram
 E na cadeia o trancaram
 Sofrendo todo pavor

[...]
 Em Juazeiro do Norte
 Logo foi para a cadeia,
 Um soldado brutamontes
 Meteu o pobre na peia
 Com o cassetete quebrou
 Quatro dentes, pois ficou
 Com a dentadura bem feia
 (BATISTA, 1926, p. 02-03)

Este folheto narra, como podemos perceber a história de um homem que até certa época mantinha uma vida perfeitamente normal. Josué trabalhava como marceneiro e ainda dedicava-se à música. Mas segundo o poeta, por motivos não explícitos no folheto, o músico de valor, perdeu completamente o juízo, tornando-se uma pessoa extremamente agressiva a ponto de ser preciso o amarrarem, devido à violência com que frequentemente agia. De Ibiapaba foi levado para o Juazeiro do Norte e lá chegando passou a sofrer requintes de violência por parte das autoridades locais.

Juazeiro, por ser considerado um local sagrado, recebia constantemente um grande número de pessoas com todos os tipos de doenças. Pessoas que procuravam o Padre Cícero com a certeza da cura, uma vez que as histórias de milagres ocorridas naquele local não eram poucas, os feitos extraordinários do padrinho era notícia em toda região.

[...]
 Meu padrim, aqui um homem
 Bote nele sua benção
 Ele é louco, endiabrado
 Tem mais força que o cão,
 Nós sabemos que o senhor
 Tem poder e tem valor
 Pra dar a nós a solução.

[...]
 Padre Cícero: ajoelhe!
 -O louco obedeceu;
 Aquele que estava perto
 Deveras se comoveu
 Josué, antes, danado
 Estava ali conformado
 Que ninguém reconheceu.

Padre Cícero, com a mão
 Na cabeça de Josué
 Ordenou-lhe: ore comigo

Por Jesus de Nazaré;
 E os dois numa só voz,
 O Pai Nosso, como nós
 Foi dito com muita fé.
 (BATISTA, 1926, p. 05-06)

Ao se ver diante do padrinho, Josué se acalmou, deixando os muitos romeiros que ali se encontravam estarecidos com tal acontecimento. Padre Cícero, milagrosamente, com suas orações e certamente com a autorização e ajuda de Deus, fez o marceneiro recuperar completamente o juízo. A pedido do padre, mesmo com medo de que algo pudesse acontecer, os soldados livraram Josué das correntes que o prendiam. Nada de grave aconteceu, mas as pessoas que ali se faziam presentes ficaram admiradas com o que o padrinho conseguira fazer. Sem dúvida era um milagre. Cícero conseguira curar um louco, assim como devolveu a visão de cegos e curou as mais graves enfermidades das pessoas que o procuravam.

Os folhetos dedicados a contar tais milagres têm como objetivo mostrar a santidade do Padre através dos seus poderes sobrenaturais. Estes folhetos na perspectiva de Sthinghen (2009, p. 138):

Acabam confirmando de maneira exemplar, algo que os poetas afirmam inúmeras vezes através de suas opiniões disseminadas pelos folhetos: o grande número de promessas pagas pelos romeiros em Juazeiro é uma prova de que padre Cícero opera milagres, mais uma razão, além de suas virtudes em vida, para creditar-lhe a santidade.

É curioso notar que quem duvida dos milagres do Padre ou julga a crença do romeiro como fanatismo é duramente criticado e tem o castigo merecido nos versos dos poetas. Mas antes de mostrarmos um folheto que comprova com mais exatidão o que acabamos de falar, é necessário ressaltar que além de operar milagres, Padre Cícero ainda ajudava na resolução de problemas pessoais dos romeiros.

Frequentemente se deparava tendo que resolver algumas questões, como: reconciliação de casamentos, selar a paz entre famílias inimigas e principalmente fazer com que pessoas que viviam no pecado se arrependessem e passassem a viver de forma diferente, como bêbados que largavam o álcool, por exemplo. Acreditamos serem estes também um milagre, afinal de contas, tudo isso era advindo do respeito e devoção que nutriam pelo Padre. A palavra do padrinho soava como uma lei para a população cariense.

Para aqueles que não acreditam em tais milagres e, exatamente por isso criticam a fé do romeiro, os poetas buscam argumentos que justifiquem sua fé no padrinho e ressaltam para

aqueles que não compartilham desta crença que receberão o castigo merecido, como poderemos observar no folheto do autor Estevão Rodrigues, *Discussão dum transviado com um romeiro* (2012).

O folheto conta a história de um romeiro que em plena Semana Santa é duramente criticado por um rapaz que não acredita no Padre Cícero.

[...]
 Começou desta maneira
 A sua conversação:
 -pra que diabo serve isso
 Que o senhor traz na mão?
 Ta querendo parecer
 Com bolinhas num cordão.
 [...]
 O velho escandalizado
 Com a proposta indecente
 Disse: - moço eu sou romeiro
 Sei que existe um Onipotente
 Você talvez seja o diabo
 Hoje em figura de gente.
 [...]
 Tudo quanto vejo agora
 Por mim já era esperado
 É sinal do fim dos tempos
 Por Deus pai anunciado
 E gente do seu quilate
 Inda será castigado.
 (RODRIGUES, 2012, p. 05-05-07)

O comentário feito pelo rapaz causou indignação no romeiro, uma vez que as “bolinhas num cordão”, citada com desprezo por aquele que não é devoto do Padre, trata-se do rosário, um símbolo de fé carregado pela maioria dos sertanejos, principalmente aqueles devotos do Padre Cícero. Quando não estão envoltos no pescoço dos fiéis, estão guardados, esperando o momento da oração. Daniel Walker (2010, p. 03) nos conta que:

Com efeito, para o romeiro, o rosário da Mãe de Deus, ainda hoje largamente usado na região Nordeste, não tem função de amuleto, mas de um símbolo sagrado, uma espécie de condecoração da fé, ou mais ainda, um verdadeiro passaporte para a salvação, exibido com emoção e orgulho.

Por isso o romeiro, segundo o poeta, se sentiu tão ofendido. Afinal, este consiste em um dos mais famosos conselhos do Padre Cícero, levar o rosário da Mãe de Deus sempre

consigo, para que este os proteja dos perigos aos quais estão submetidos. Daniel Walker em seu estudo intitulado *Padre Cícero: A sabedoria do Conselheiro do sertão* (2010, p. 12) afirma que Padre Cícero aconselhava aos romeiros:

Rezem o rosário da Mãe de Deus que é quem nos poderá livrar das calamidades que a maldade e a perversidade dos homens estão atraindo para a Terra. Sejam fiéis em rezar cada dia o rosário da Mãe de Deus, mesmo andando pelas estradas, mesmo doentes. Não deixem um só dia de rezar.

É interessante notar que para o romeiro citado no folheto, aquele rapaz por dizer palavras tão duras, por não acreditar e debochar da fé do romeiro, só poderá ser “o diabo em figura de gente”, por isso atribui ao rapaz um sinal do fim dos tempos, o alertando dos castigos que poderá receber por se comportar de tal maneira. Segundo Sthinghen (2009) os castigos para aqueles que se mostram contra o Padre Cícero ou zombam dos seus devotos, consistem em uma forma que os poetas encontram para se mostrarem contra as críticas feitas ao padrinho.

“Embora alertados por algum romeiro dos perigos de se falar mal do Padre Cícero, os infiéis, geralmente pessoas abastadas, zombam dele ou da própria fé popular, desafiando, dessa forma, o poder do santo” (STHINGHEN, 2009, p. 141). No folheto acima citado, o poeta não menciona que tipo de castigo receberá o rapaz, por não acreditar e debochar de sua crença, mas ainda segundo Sthinghen (2009) e pelo que podemos observar em alguns folhetos, os castigos vem geralmente em forma de doenças ou na transformação do incrédulo em algum animal.

3.2.1 O Profeta.

As profecias são fatos
De perfeita constelação,
De Isaías ou Samuel
E do profeta São João
Sem contar com Nostradamus
E padre Cícero Romão.
(BATISTA, s/d, p. 01)

Nos folhetos dedicados a narrar as profecias do Padre Cícero, percebemos que os poetas reforçam a imagem de Cícero como um homem que conhecia os acontecimentos futuros, avisando a população o que os tempos vindouros preparavam para a humanidade. Um verdadeiro conhecedor dos desígnios divinos. Geralmente estas previsões estão marcadas por acontecimentos que causam medo a população pecadora, devendo esta se arrepender dos seus pecados para conseguir a salvação. Assim afirma Marinalva Vilar de Lima (2000, p. 86):

No que diz respeito às profecias anunciadas pelo Padre Cícero, estas apresentam-se um tom de amedrontamento para com os fiéis. Há uma intencionalidade de discutir a idéia do temor ao futuro, que não se conhece e do qual se está tendo prenunciações. Esta temática constitui-se de más presságios celestiais, como as noites de escuros, a vinda do capa verde, o fim do mundo, pestes, guerra, fome... Numa grande repetição das prédicas religiosas, comuns neste período.

Como mencionado por Lima (2000) nestas previsões, os poetas trazem indícios de calamidades futuras, uma época marcada por fome, sede, miséria, dor e sofrimento, além de questões meteorológicas, onde anunciam as secas que possivelmente virão e até mesmo os desastres causados pela Segunda Guerra Mundial. Muitas vezes os poetas contam as profecias do padre de acordo com terceiros, ou seja, em alguns folhetos os poetas narram histórias de aparições do padrinho que desce à Terra para falar com pessoas escolhidas a transmitirem suas premonições quanto ao futuro. Segundo Sthinghen (2000) estes porta-vozes geralmente são pessoas religiosas, mulheres virgens e em alguns casos, o próprio Frei Damião. Em outros folhetos, o padrinho vem visitar o próprio poeta e lhe preparar quanto ao futuro.

Ainda segundo Sthinghen (2000, p. 117) o estado de miséria, presente nos folhetos, por qual passará a população compreende o período entre “o momento da enunciação e o momento da consumação”, ou seja, a população deverá passar por momentos de grande sofrimento até chegar aos últimos dias da humanidade. E o responsável por toda esta situação,

é exatamente o homem que leva uma vida de pecados. É necessário, portanto, que a humanidade se arrependa para conseguir a salvação.

Segundo as profecias do Padre, a humanidade dava indícios de que o fim dos tempos já estava próximo, as brigas entre famílias, assassinatos, roubos, prostituição, conflitos entre nações e todas as demais demonstrações de pecado, era um indício mais do que suficiente para perceber que a humanidade realmente estava chegando ao fim. No folheto *As Santas Palavras do Padre Cícero Romão Batista* (2012), do autor Francisco Perez de Souza, o poeta mostra exatamente as profecias de Cícero quanto à seca e catástrofes futuras da humanidade, todas decorrentes em grande parte do pecado humano.

De acordo com a história narrada no folheto, a beata Mocinha, encontrou depois de algum tempo da morte do padrinho, um bilhete no qual alertava a humanidade para a necessidade de obedecer a Deus e deixar a vida de pecados.

[...]

Assim se lia o bilhete:
 Meus filhos, tenham cuidado
 O mundo já está no fim
 Tudo ficou revoltado
 A fome matando o povo
 Deixando sacrificado.

[...]

Ninguém escapa da fome
 Morrem até os animais
 Quem desobedece a Deus
 Dando gosto ao satanás
 vai sofrer tantos castigos
 Nas caldeiras infernais

[...]

Padrinho Cícero dizia
 Mas ninguém acreditou
 Temos que sofrer calados
 Que o tempo ruim chegou
 Mentiras em suas palavras
 Nunca ninguém encontrou.
 (SOUZA, 2012, p.07-08-10)

O caráter profético do Padre Cícero presente em vários folhetos tendem a reforçar a crença sertaneja em sua santidade, uma vez que os poetas procuram não deixar dúvidas de que as previsões do Padre não falharam, estando a humanidade passando por tudo aquilo que um

dia foi dito pelo sacerdote profeta. Percebemos isso com mais clareza na última estrofe citada, na qual o poeta Souza afirma que jamais o Padre Cícero mentiu “mentiras em suas palavras/nunca ninguém encontrou”.

Percebemos também o tom amedrontador utilizado no folheto. Como já mencionamos antes, os tempos vindouros geralmente trazem informações que causam medo, como se a humanidade caminhasse em direção a um futuro desastroso, marcado pela fome, guerra e desespero e aquele que como diz no poema “desobedece a Deus/ dando gosto ao satanás” será devidamente castigado.

Nota-se, que os poetas transmitem em seus versos a preocupação que, segundo eles, Padre Cícero tinha para com o seu povo, uma vez que mesmo após a sua morte o padrinho continuou aconselhando seus devotos, objetivando guiá-los em seu caminho. Portanto, tanto durante sua vida quanto após sua morte, Padre Cícero continuou orientando seus romeiros, seja através de aparições como dito antes, ou até mesmo através de escritos deixados por ele, como é o caso do bilhete encontrado pela beata Mocinha.

O fenômeno das secas, como podemos notar, aparecem constantemente nas profecias do padrinho. Geralmente os folhetos trazem as premonições dos anos “bons” e “ruins” com relação ao inverno. Mesmo aqueles folhetos que não tem como tema principal o flagelo das secas, estas costumeiramente aparecem em alguma estrofe, afinal de contas as secas são associadas aos pecados do homem, um castigo divino pelo mau comportamento da humanidade.

Como sabemos o homem sertanejo busca na própria natureza sinais de como será o inverno para cada ano. Através de suas experiências surgem no sertão nordestino os chamados “profetas das chuvas”. Baseados em suas observações estes tais profetas anunciam suas previsões quanto à chegada do inverno ou a presença de mais um ano de seca para a região nordestina.

Ao analisar alguns folhetos podemos afirmar que Padre Cícero também pode ser considerado um “profeta das chuvas”, uma vez que geralmente aparece anunciando o que a natureza reserva para o sertanejo em determinadas épocas, é o que podemos perceber neste folheto citado por Sthinghen (2000), chamado *O Sonho da Profecia ou a Voz do Padre Cícero* (s/d), dos autores Saldanha e Menezes.

Será um ano tristonho
De inverno limitado
Com fome e epidemia
Será o mundo abalado

Reinará gemido e choro
Sobre a face do pecado
(SALDANHA, J. & MENEZES, J. *apud* STHINGHEN, 2000, p.121).

Nesta pequena estrofe, podemos notar que a visão aterrorizadora do futuro, assim como em vários outros folhetos se faz presente. Cícero anuncia que será um ano de sofrimento, marcado por um “inverno limitado”, ou seja, prevê mais um ano de seca para o sertão e a consequência deste fato para a população será o sofrimento causado pela fome e pelas doenças que castigarão os sertanejos.

Além de fazer premonições com caráter apocalíptico e anunciar os designios da natureza para os anos vindouros, Padre Cícero aparece em alguns folhetos falando sobre o que o futuro reserva para a cidade que ele ajudou a construir. Juazeiro do Norte é uma constante nas profecias do padrinho. Como poderemos perceber no folheto intitulado *As Profecias do Padre Cícero* (1990), do autor Abraão Batista, no qual fala das profecias de Cícero para o Horto de Juazeiro.

Quando nasci o Pe. Cícero
Já tinha-se ido embora
Porém eu sou testemunha
Romeiro daqui e na hora
Aquele homem é bendito
O que ele disse, foi dito
E estamos vendo agora

Certa vez ele falou: as pedras de lá do horto
Vão se transformar em pão
Muita gente ficou a torto
Porque não compreendia
Pois pedras não se comia
Nem depois de estar morto

Carradas de pedras britadas
Paralepípedos aos milhões
Meio-fio para calçadas
Pedras toscas pras construções
Pedras finas para o cimento
Carregadas em jumento
Deram aos pobres muitos tostões.
(BATISTA, 1990, p.02-03)

Segundo o poeta tudo aquilo que Cícero previu aconteceu ou está acontecendo. Com relação às pedras do Horto se transformarem em pão, percebemos que segundo o poeta, foi

exatamente isso que aconteceu, uma vez que as pedras do Horto forneceram aos romeiros a oportunidade de trabalho, os ajudando a alimentar suas famílias. Juazeiro do Norte cresceu e se transformou em uma das cidades mais desenvolvidas do Ceará e foi exatamente no processo deste desenvolvimento que os trabalhadores festejaram. Foi através das pedras do Horto que o romeiro tirava o seu sustento. Portanto, segundo o poeta, a profecia do Padre Cícero se cumpriu.

3.3. O Político e a Participação na Guerra de 1914.

O padre Cícero, conforme observamos, da última década do século XIX ao início do século XX, têm por parte da população do Nordeste a legitimação de seu poder espiritual, sendo considerado, mesmo, “uma pessoa da Santíssima Trindade”. Assim é a imagem que se lhe sobressai, quando da chegada, ao Juazeiro, de Floro Bartolomeu. A ligação do padre, com o então adventício Dr. Floro, vai propiciar-lhe a entrada em outro campo de ação: o político. (LIMA, 2000, p. 133).

A partir deste momento, Cícero já não é apenas um líder espiritual, sua atuação vai mais além, o padre passou a ser uma das principais autoridades da região. Segundo Lira LIRA NETO (2009) o primeiro contato do Padre Cícero com o médico Floro Bartolomeu, se deu em meados de maio de 1908. Ainda de acordo com o referido autor o médico baiano dedicava-se também à prática do garimpo, sendo este o motivo pelo qual estava procurando o Padre de Juazeiro, uma vez que tinha interesse em uma possível mina de cobre existente no sítio Coxá, município de Aurora/Ceará, a qual, segundo Lima (2000) Padre Cícero tinha adquirido, mas ainda não havia conseguido devidamente a sua posse.

De acordo com o que consta nas biografias de Cícero, as críticas voltadas ao Juazeiro por parte dos opositores do Padre fez nascer neste, o desejo de tornar a cidade independente do Crato. Este desejo ficou ainda mais latente quando no início do século XX foi cogitada a ideia de se construir uma nova diocese na cidade do Crato. Cícero não poderia permitir que isso acontecesse, uma vez que desejava a sede do bispado em Juazeiro do Norte. Mas de acordo com Lira LIRA NETO (2009) a única forma de fazer com que Juazeiro fosse a reverenciada com o novo bispado seria elevá-la a categoria de cidade.

Iniciou-se então uma verdadeira batalha entre Crato e Juazeiro. Vitoriosa, a cidade do Padre Cícero tornou-se independente em 1911, cabendo a este o cargo de prefeito do novo município. No processo de emancipação política da cidade, a participação de Floro

Bartolomeu foi decisiva. “Vai ser Floro o responsável pelo acirramento da questão política entre Crato e Juazeiro, demarcando, oficialmente, a entrada do sacerdote nos quadros da política local” (LIMA, 2000, p. 134).

Portanto, antes de analisarmos o folheto sobre a sedição de Juazeiro em 1914, acreditamos ser necessário, mostrarmos a visão dos poetas quanto a Floro Bartolomeu, um dos personagens mais importantes da história do Padre Cícero, de sua história política, mais precisamente. Utilizaremos aqui o folheto *Dr. Floro Manuel da costa: médico, político e guerreiro* (2012), do autor João Bandeira de Caldas.

[...]

Em mil novecentos e oito
 Ele chegou em Juazeiro
 Ao lado do conde Adolfo
 Van Dan Brulie, um companheiro,
 Que trazia a esta terra
 Este importante romeiro

[...]

Deputado federal
 Duas vezes foi também
 Chefe da Revolução
 De catorze e foi além
 Nesse tempo ao Juazeiro
 Fez esplendoroso bem

Em mil novecentos e onze
 Padre Cícero, o prefeito,
 O “Pacto dos Coronéis”
 Presidi-o com respeito
 O Floro estava no meio
 Para ver como foi feito.
 (CALDAS, 2012, p. 01-05)

Neste folheto podemos perceber a importância que o poeta atribui à figura de Floro. Inicialmente, o autor fala da chegada do médico à cidade de Juazeiro do Norte. Os motivos que o trouxeram à cidade já foram descritos anteriormente, mas é importante citar que Floro não estava sozinho. Como podemos perceber no poema, o médico veio acompanhado do engenheiro especializado em minério Adolphe Achille Van den Brule, que segundo relatos havia nascido em Paris e era possuidor de um título de nobreza.

O acordo que Floro viera fazer com Cícero era simples, consistia em ajudá-lo a resolver os problemas na justiça com relação à propriedade das terras do Coxá, e em troca

Cícero autorizaria a extração dos minérios do local. Rapidamente o médico conseguiu a confiança do Padre, e em pouco tempo, Floro foi considerado o braço direito de Cícero. Praticamente todas as atitudes do padre eram tomadas em conjunto com o médico que, por sua vez passou a cuidar da saúde do sacerdote.

Além da importante participação na revolução de 1914, o poeta enfatiza o chamado “Pacto dos Coronéis”. Este consistia em um acordo feito entre os principais líderes políticos locais, com o objetivo de por fim às discórdias existentes entre eles. Neste encontro, onde assinaram um documento composto por nove artigos, ficou decidido, entre outras coisas, que: os chefes políticos não poderiam apoiar criminosos em seus respectivos municípios, não deporem nenhum chefe político, resolverem as questões de forma amigável, manter a solidariedade com o chefe da oligarquia Antônio Pinto Nogueira Accioly, etc.

O fato é que aquele encontro entrou para a história de Juazeiro do Norte, afinal estavam sentados na mesma sala líderes políticos que desde muito tempo andavam em lados opostos. Mas naquele dia 04 de outubro de 1911, dia da posse do Padre Cícero como prefeito da cidade, sentaram-se todos juntos.

Escolhemos o folheto *História da guerra de Juazeiro em 1914* (2012), do autor João de Cristo Rei, que também está presente no trabalho de Marinalva Vilar de Lima (2000) para contar esse fato tão importante da história da cidade e principalmente para mostrar a visão do poeta quanto a participação do Padre Cícero.

Antes de iniciarmos, é importante lembrar que o objetivo deste conflito era depor o presidente do Ceará, Marcos Franco Rabelo. Em 1912, um movimento popular ocorrido na cidade de Fortaleza derrubou a oligarquia Accioly, há anos no poder. O coronel Dr. Pinto Nogueira Accioly, exatamente aquele a quem os coronéis deviam proteção e solidariedade, foi deposto do cargo, assumindo em seu lugar o já mencionado Franco Rabelo.

No poder, como novo presidente da Província do Ceará, Rabelo tirou Cícero da prefeitura de Juazeiro. A partir deste momento os conflitos entre Cícero e o governo tornaram-se tensos. Mas de acordo com Lira LIRA NETO (2009, p. 353):

A imensa popularidade de Cícero, como líder religioso e chefe político, tornava o Juazeiro o local propício para concentrar a frente de oposição a Rabelo. Afinal, podia-se dar como certo que nenhum sertanejo hesitaria em pegar em armas, se preciso fosse, para preservar o pescoço do Padre.

O poeta João de Cristo Rei em seu folheto sobre essa polêmica história tem a preocupação de narrar todos os preparativos para a guerra, como podemos perceber nas estrofes a seguir

Vou descrever a batalha
Da guerra de Juazeiro,
Para se vê entre a luta
De metralha e fuzileiro
O poder de meu padrinho
A vitória do romeiro.

Antes de travar a luta
Meu padrinho disse assim:
O governo do Estado
Se revoltou contra mim,
Para tomar Juazeiro
Prender tudo e me dar fim
[...]
E disse ao Doutor Floro
Vamos cavar os valados
Que Franco Rabelo vem
Com seus batalhões armados
E nós não temos trincheiras
Para enfrentar os malvados
(CRISTO REI, 2012, p. 04-05)

É interessante notar que o padre Cícero aparece nesse poema como um homem que está sendo vítima da perseguição do governo. Rabelo surge como o vilão da história, o homem que tem por objetivo “dar fim” ao Padre e destruir Juazeiro com seus “batalhões armados”. Cícero, vítima da maldade de Rabelo, começa a orientar sua gente para a batalha. Batalha esta que como afirma Marinalva Lima (2000) consistia na disputa entre o *bem* e o *mal*. O *bem*, representado pelo Padre Cícero e seus romeiros, e o *mal* por Rabelo e as tropas de seu governo.

Cícero está presente em todos os momentos que antecedem o conflito, orientando seu exército de romeiros para garantir a vitória.

Homem, mulher e menino
Com seu ferrinho na mão
Para cavar os valados
Chegavam de prontidão
Antes que a tropa inimiga
Encostasse o batalhão.

[...]
 Armaram contra os romeiros
 Um canhão grande demais
 Porém quando detonaram
 O estampido voraz,
 A peça rodou o pé
 Deu o tiro para trás.
 [...]
 Quando suspenderam a luta
 Meu padrinho saiu fora
 E disse: Daquele fogo
 Vocês escaparam agora,
 Foi coberto com o manto
 Da Virgem Nossa Senhora.
 (CRISTO REI, 2012, p. 04-09)

Percebemos que toda a população juazeirense estava pronta para ajudar o padrinho. Juntos cavavam os valados e construíam as trincheiras para que as tropas inimigas não os pegassem desprevenidos. Mas, o que os romeiros não imaginavam é que o exército de Franco Rabelo os surpreenderiam com uma arma muito poderosa, o canhão, feito com as moedas adquiridas pela população de Fortaleza, Ceará.

Segundo Lira LIRA NETO (2009) a população de Fortaleza foi incumbida de doar nas urnas espalhadas pela cidade, moedas de bronze. A intenção era mandar as moedas para uma casa de fundição e depois construir a arma que poria fim ao conflito, explodindo as trincheiras dos romeiros.

Mas o plano não funcionou, aquele canhão de bronze que causava estranheza e admiração por parte da população falhou. Na verdade quando o canhão começou a atirar, os romeiros perceberam que ele havia sido colocado de forma contrária, ou seja, o canhão de Franco Rabelo estava atirando contra o seu próprio exército, para a alegria dos romeiros e do Padre Cícero.

Podemos vislumbrar que o fato das tropas do governo terem sido derrotadas pelo próprio canhão, arma feita para acabar com os romeiros do padre, é visto como uma interseção divina. Nossa senhora, com seu manto sagrado, protegeu o exército do padre, impedindo que estes fossem atingidos.

3.4. Os Romeiros e as Romarias.

O fenômeno é constante: uma multidão de sertanejos peregrina até a cidade de Juazeiro, onde o padre desenvolveu suas funções e residiu até o fim de sua vida. Cada romaria é caracterizada por cânticos, sacrifícios, partilhas, promessas, oferendas. Milhares de romeiros, como são denominados, compartilham a crença e a fé inquestionáveis nesse homem. Seguem para a terra do padre, como se estivessem indo a terra santa, em busca de milagres, curas, ou simplesmente, num rito comum ao nordestino. (WALKER *apud* LUZ, 2012, p. 30).

Como já mencionamos neste trabalho, as romarias da cidade de Juazeiro do Norte, consistem em uma das maiores demonstrações de fé e devoção do nosso país. Muitos estudos já foram realizados com o intuito de compreender este fenômeno que ocorre todos os anos e que se intensifica cada vez mais. Surpreende a quantidade de pessoas que visitam a cidade para homenagear, pedir ou pagar promessas por alguma graça alcançada.

Segundo Karla Daniele de Sá Maciel Luz (2012) não se pode compreender o fenômeno das romarias na cidade do Padre Cícero sem ligá-la aos aspectos sociais da época em que começaram a surgir. Fatores como a recente proclamação da República, o mandonismo exercido pelos coronéis que dominavam a região, o surgimento de grupos de cangaceiros, e claro, como não poderia deixar de ser, a fome e miséria causadas pela seca, são citados pela autora como os principais motivos que levaram milhares de pessoas a buscarem proteção na “Terra Santa”, como ficou conhecida a cidade de Juazeiro após os ditos milagres do Padre Cícero.

De acordo com Luz (2012, p.18):

É exatamente nesse contexto que vamos encontrar um povo simples, tomado pela falta de esperança em meio a tanta miséria, que se voltam para os ensinamentos vindos da voz mansa, porém firme do padre Cícero Romão batista. O fenômeno em sua origem, não parecia ser simplesmente de ordem religiosa, mas um forte movimento social.

Na perspectiva de Luz (2012) bem como de outros autores citados por ela, Padre Cícero representava para os sertanejos a esperança de mudar a ordem social a qual estavam inseridos, ou seja, a esperança de através da religiosidade, conseguir sobreviver a uma política social marcada pela opressão e abandono. Portanto, os fenômenos sociais da época, bem como os acontecimentos que marcaram a vida do Padre, principalmente a partir de 1889, consistem, como sabemos, na origem das romarias que se fazem presentes até nossos dias.

Segundo Lira Neto (2009) foi no dia 7 de julho de 1889 que Juazeiro presenciou a primeira de todas as romarias. Uma multidão com cerca de três mil pessoas foram em procissão até a capela de Nossa Senhora das Dores ouvir as palavras do reitor do Seminário do Crato, Monsenhor Monteiro, o qual mostrou para os milhares de devotos ali presentes uma toalha manchada de sangue que, segundo ele, consistia no verdadeiro sangue de Cristo que voltara a ser derramado sobre a terra.

O dito milagre ocorreu no dia 1º de março e, a partir deste momento, mais precisamente quando a notícia começou a se espalhar muitas pessoas passaram a visitar o local, principalmente pessoas de cidades vizinhas, mas geralmente em pequenas quantidades. O número de fiéis passou a crescer realmente, ainda de acordo com o referido autor, após o discurso do Monsenhor Monteiro naquela manhã de domingo. “As palavras do reitor do Seminário do Crato contagiaram o coração daquele mundaréu de gente [...]. Centenas de pessoas se prostraram de joelhos, em choro compulsivo, diante da visão do tecido ensanguentado (LIRA NETO, 2009, p. 68).

A partir deste momento, as romarias a cidade de Juazeiro se intensificam cada vez mais. Padre Cícero passou a ser a cura e a esperança para praticamente todos os males da população sertaneja, principalmente aqueles relacionados ao flagelo das secas, como já foi discutido no capítulo anterior. Viajar para o Juazeiro do Norte em procissão passou a fazer parte da vida do romeiro. Para mostrar como os poetas narram essa demonstração de fé dos sertanejos, utilizaremos dois folhetos, intitulados: *O que diz meu padrinho Cícero sobre a santa romaria* (2012) e *A visita dos romeiros como era antigamente* (2012) dos autores João de Cristo Rei e Manoel Caboclo e Silva, respectivamente.

No primeiro folheto, o poeta João de Cristo Rei narra o dia em que viu o Padre Cícero conversando com alguns romeiros, o assunto era exatamente as romarias a Juazeiro.

[...]

Na rua de São José
 Eu estava passeando
 Quando inesperadamente
 De longe fui avistando
 Meu padrinho Cícero em pé
 Nas calçadas conversando

[...]

Disse ele: eu vivo aqui
 Despachando romeiro
 Mas não existe nenhum
 Que diga a seu companheiro

Padre Cícero ou meu padrinho
Me chamou a Juazeiro.

Eu nunca chamei nenhum
Para vir me visitar
Comprar casa ou construir
Para comigo morar
Porém todo mundo em massa
Tem que vir neste lugar.

[...]

Eu nunca chamei nenhum
Quem chama é Nossa senhora
Eu sou quem dou o rosário
Quem pretende está na hora
Para salvar sua alma
Neste novo mundo agora.

[...]

Quem entrar neste lugar
Que nossa senhora fez
Se ainda não sabia
Sabe agora desta vez
Só me chamem meu padrinho
Que sou padrinho de vocês.

(CRISTO REI, 2012, p. 04-05-06)

Neste folheto podemos vislumbrar que o poeta deixa claro que Cícero não incentivava a vinda dos milhares de romeiros a Juazeiro. Apesar de atender a praticamente todos que o procuravam, como afirma na segunda estrofe, Padre Cícero, segundo o poeta, não os chamavam a cidade. Estes o procuravam espontaneamente, uma vez que acreditavam plenamente na santidade do padrinho. Por diversas vezes Cícero foi acusado de incentivar as romarias ao local, sendo duramente criticado por este fato.

Apesar de, segundo o poeta, Cícero afirmar que não incentivava a peregrinação ao local, tornava-se cada vez mais comum, pessoas de todas as regiões do Nordeste, bem como de regiões mais distantes do Brasil chegarem para visitar o padrinho. Segundo Luz (2012) nem mesmo o fato do fracasso na luta pelo reconhecimento do milagre conseguiu parar o fluxo de pessoas que chegavam à cidade.

Mesmo afirmando não incentivar a vinda de romeiros, o Padre fala da necessidade que o sertanejo tem de visitar o Juazeiro. Esta necessidade, apesar do poeta não ter deixado explícito no folheto, provavelmente é referente à obrigação de atender o chamado de Nossa Senhora das Dores, uma vez que esta é a verdadeira responsável por trazer a cidade milhares

de devotos. Ao Padre Cícero, cabe apenas a obrigação de ajudá-los a livrar-se dos seus pecados, ensinar a rezar o rosário da Mãe de Deus para que garantam a salvação.

É interessante notar o pedido que Cícero faz aos romeiros para que o chamem de padrinho. O padrinho é o responsável por proteger seu afilhado, por ajudá-lo sempre que for necessário e era exatamente isso que Padre Cícero, segundo muitos autores, fazia com seu povo. A ajuda ofertada pelo Padre não se restringia somente no alívio espiritual, além das orações feitas com o intuito de livrar-se de algum problema, alcançar alguma graça, muitas vezes Padre Cícero chegou a ajudá-los financeiramente. Portanto, para toda aquela gente, Cícero realmente era o padrinho o qual procuravam nos momentos difíceis.

No folheto *A visita dos romeiros como era antigamente* (2012) o poeta Manuel Caboclo e Silva fala para os romeiros como aconteciam as romarias em outros tempos, das dificuldades enfrentadas por estes até chegar à terra do padrinho.

Romeiros de meu padrinho
 Que aqui estão presentes
 Queira prestar-me atenção
 Para ficarem cientes
 Como eram as romarias
 Do povo de antigamente.
 [...]

Viajavam quase um mês
 Rompendo pedra e areia
 Ao meio dia almoçavam
 A noite não tinha ceia
 Cantando sempre o bendito
 Da Mãe de Deus das Candeia.
 [...]

Oh, que viagem tirana,
 Fazia o pobre romeiro!
 Meio dia descansava
 Na sombra de um Visgueiro
 A noite se agasalhava
 No meio do taboleiro.
 (SILVA, 2012, p. 03-04)

Nota-se neste folheto que o romeiro para alcançar o seu destino, passa por momentos extremamente difíceis, uma vez que além da distância percorrida, ainda sofriam com a falta de alimentação e cansaço. Mas é interessante notar também que toda a viagem é marcada por momentos de oração. O romeiro, sempre levando consigo o rosário da Mãe de Deus, cantam

durante a difícil trajetória até a “cidade santa”, demonstrando sua fé, sua crença no padrinho e em Nossa Senhora das Dores.

De acordo com Vieira (2012) o principal meio de transporte no século XIX era o cavalo e obviamente as pessoas que os possuíam eram aquelas que tinham um maior poder aquisitivo, o que não era o caso da maioria dos devotos de Cícero, pessoas extremamente humildes que movidas pela fé no padrinho, percorriam distâncias absurdas para chegar ao seu destino.

Podemos vislumbrar que a autoflagelação também está presente na vida dos romeiros, como acontece, por exemplo, com os penitentes. A própria viagem a Juazeiro do Norte está marcada por momentos de sacrifícios, como podemos observar nas palavras do autor, “viajavam quase um mês/ rompendo pedra e areia/ ao meio dia almoçavam/ a noite não tinha ceia’. Além do desejo de conhecer o padrinho, os romeiros viajavam até o local como forma de pagar alguma promessa, ou simplesmente agradecer por alguma graça alcançada.

Andar dias e noites de pés descalços ou carregando uma cruz nos ombros tornou-se uma prática comum entre os sertanejos. Os romeiros do Padre Cícero saem em peregrinação com o objetivo de terem seus pedidos alcançados, encontram na religiosidade uma forma de aliviarem suas dores, seu sofrimento.

Vinha romeiro bem rico
 E outro pobre pedindo
 Um por curiosidade
 Outro cumprindo o destino
 Outro pagando promessa
 Bem satisfeito e sorrindo.
 (SILVA, 2012, p. 08)

Na estrofe acima, podemos perceber que o autor deixa claro que com relação a Deus não existe distinção entre os homens, que a classe social não faz um homem superior ao outro. Exatamente por isso, nas romarias de Juazeiro está presente o romeiro pobre e o romeiro rico, todos com um único objetivo, pedir e agradecer ao padre Cícero e a Nossa Senhora das Dores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluir um texto não consiste em uma tarefa fácil, uma vez que é necessário reconhecer que pontos importantes deixaram de ser elencados e que ainda há muito a ser dito sobre o tema em questão. Nesta pesquisa, analisamos a imagem do padre Cícero Romão Batista através da Literatura de Cordel, mais precisamente, a contribuição desta para a transformação da imagem do Padre como um santo.

Para alcançar este objetivo, inicialmente, voltamos ao século XIX para tentar buscar as raízes do fenômeno religioso do Juazeiro do Norte. Neste sentido, apresentamos alguns traços importantes sobre a biografia do Padre Cícero dando ênfase ao suposto milagre da hóstia, momento em que começaram a ser instituídas múltiplas visões a respeito do sacerdote. Discutiui-se que mesmo ameaçado de excomunhão e perda de suas ordens religiosas por parte da Igreja Católica, Padre Cícero não deixou de ser exaltado e santificado pela legião de romeiros que chegavam à cidade de Juazeiro, transformando-a em um grande centro de religiosidade.

Esta imagética foi possível em medida graças ao sertão ser constituído por discursos que circulavam pelo Brasil como sendo um espaço que propiciou tal acontecimento. Devem-se levar em consideração as secas nordestinas, que através dos discursos elaborados transformaram a região em um local marcado pela pobreza e sofrimento. Averiguamos que este fenômeno, através dos folhetos analisados, são as principais responsáveis por reforçar a religiosidade sertaneja. Esta religiosidade presente no homem do campo faz com que se busque nos elementos sagrados a saída para seu sofrimento. Este sofrimento, por sua vez, estava atrelado ao sentimento de culpa e o medo da punição divina presentes na religiosidade popular do século XIX que atribuía ao próprio homem a causa de toda aquela situação.

Chegamos à conclusão de que esta concepção, difundida não só nos folhetos de cordel, mas também em outros discursos transformaram as secas em um fato simbolizado, atribuindo a estas, interpretações envoltas a elementos sagrados. Aquele fator climático passou a ser visto como um castigo de Deus, resposta divina para os pecados cometidos.

Discutimos que o dito milagre do Padre Cícero, ocorreu dentro deste contexto, em um período em que secas assolavam a região com muita intensidade. Foi justamente a seca de 1877, bem como as seguintes, que de acordo com alguns autores mudaram a visão dos sertanejos, uma vez que passaram a vê-las através de um viés religioso.

Neste sentido, consideramos que os poetas ao mesmo tempo em que propagam a imagem do sertão como uma região seca, reforçam a imagem do sertanejo como um homem religioso, e este apego à fé mostra-se voltado para a figura do Padre Cícero.

Nesta perspectiva, analisamos o perfil do “nosso padrinho” traçado pelos poetas. A análise dos folhetos nos colocou diante a um Padre Cícero popularmente canonizado. À revelia da Igreja Católica, os poetas ao longo do tempo dedicaram os seus versos a mistificação do sacerdote. São inúmeros os folhetos produzidos em torno da figura do padre, folhetos que começaram a ser produzidos quando Cícero ainda estava vivo e colaboraram para reforçar o imaginário popular quanto a sua bondade e generosidade, características que costumeiramente eram atribuídas ao Padre nas produções iniciais.

A bondade e generosidade do padrinho, bem como a fama de conselheiro, aparecem nas produções iniciais do século XX com mais intensidade, uma vez que percebemos que havia por parte dos poetas certo receio em falar abertamente sobre os acontecimentos tão polêmicos de Juazeiro do Norte. Era difícil atribuir características divinas a um homem que era perseguido pela Igreja, acusado de embusteiro, fanático e tantos outros adjetivos ofensivos que lhe eram atribuídos. Portanto, a poética inicial a respeito do padre não deixava explícita a crença dos poetas em seus ditos milagres, mas em detrimento disso, as produções assumiam um caráter de representação elogiosa do Padre Cícero.

Discutimos e mostramos através dos folhetos, que após a morte do Padre Cícero, em 1934, os poetas dão início ao processo de santificação. A partir deste momento, começaram a falar abertamente sobre as histórias de milagres que eram contadas pelos romeiros. A defesa por parte dos poetas na santidade de Cícero torna-se evidente nestas produções e aos poucos a fama de milagreiro passou a ser uma de suas principais características, uma vez que os milagres consistiam na prova da veracidade de sua santidade

Neste sentido, averiguamos que no processo de canonização popular do Padre, os poetas buscaram atribuir ao nascimento e infância de Cícero; características que reforçaram o imaginário popular quanto a uma possível predestinação. Era necessário voltar no tempo e apresentar elementos que consolidassem sua origem divina. Nesta perspectiva, nas representações sobre seu nascimento, o Padre é apresentado como um enviado divino ou a própria reencarnação de Jesus Cristo.

Percebemos, então, que o poeta de cordel ao defender o Padre Cícero das acusações, ao apresentar um nascimento envolto a elementos sagrados, mostra um Padre tal qual o sertanejo devoto, fiel às suas crenças, quer vê-lo representado. Afinal, como afirma Stinghen

(2000, p. 155), “um santo do povo não só pode como deve, aparecer representado enquanto tal numa poética popular”.

Nas narrativas dos milagres, os poetas dão conta de um santo capaz de prodígios extraordinários, como a cura de doenças, recuperação de loucos e, principalmente, reforçam a veracidade no milagre da hóstia, uma vez que é através dos milagres que os poetas atribuem ao Padre um caráter divino. Chegamos à conclusão, de certa forma já esperada, que de acordo com a documentação analisada a Literatura de Cordel não só transformou o Padre Cícero em santo, mas atribuiu a este características que ainda hoje se fazem presentes no imaginário popular. Padre Cícero aparece nos folhetos, bem como nas histórias contadas pelos romeiros de Juazeiro, como um homem divino, profeta, bondoso, caridoso, conselheiro, médico, psicólogo, etc.

Diante ao exposto, consideramos que ainda há muito por dizer a respeito das representações do Padre Cícero na Literatura de Cordel. O cancionero do padrinho consiste em um universo poético riquíssimo, onde outras interpretações podem ser formuladas, principalmente se levarmos em consideração que os poetas narram de acordo com o contexto ao qual estão inseridos. Portanto, outras interpretações, outros pontos de vista em relação ao padrinho irão surgir, dando a possibilidade a quem queira penetrar neste universo poético e ter a oportunidade de conhecer múltiplas visões sobre o tão polêmico “patriarca de Juazeiro”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Folhetos nordestinos: Confrontos- um estudo histórico comparativo.** Tese (Doutoramento apresentada à Área de Literatura Comparada do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas), UNICAMP, Campinas, 1993.

ABRUZIO, Ulisses. **A ação Pastoral de Padre Cícero a partir dos sertanejos: Fé e Vida.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo: PUC, 2008.

ADOLFO, Luiz Gonzaga Silva & SANTOS, Jamilla de Paula dos. **Uma idéia de justiça na literatura de cordel do nordeste brasileiro.** Disponível em: <http://www.direitosculturais.com.br/ojs/index.php/ojs/article/viewFile/318/209>

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **O engenho Anti-Moderno: A invenção do nordeste e outras artes.** Tese (Doutorado em História), Departamento de História do instituto de filosofia e Ciências humanas da universidade estadual de Campinas, Campinas, 1994. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000096855>

ALBUQUERQUE JR. “**Quem é frouxo não se mete**”: Violência e Masculinidade como elementos constitutivos da imagem do Nordeste. Proj. História, São Paulo, (19), p. 173-188, Nov. 1999.)

ALVES, Elder Patrick Maia. **A economia simbólica da cultura popular sertanejo-nordestina.** Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

AQUINO, Maurício de. **Santo Romaria: Cultura e religiosidade popular em Morte e Vida Severina.** *Revista Brasileira de História das Religiões.* ANPUH, Ano. II, n. 4, 2009. Disponível em: <HTTP://www.dhi.uem.br/gtreligiano>.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes.** Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós Graduação em educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

BESSA, Natália Brito. **Os benditos populares em Juazeiro do Norte: vozes ecoantes do discurso religioso.** Dissertação (Mestrado em Letras na área de Linguagens e Cultura), Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

BRAGA, Antonio Mendes Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre antropologia de um santo.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 2007.

CAPUANI, Maria Lucia Damato. **A trilogia de folhetos de cordel de Chico de Assis**. Dissertação (Mestrado em Artes) Programa de Pós Graduação em Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CLAUDINO, Nadja Claudinale da Costa. **Entre o punhal e o afeto: imagens de Maria bonita na historiografia e no cordel (1930-1938)**. (Monografia) Licenciatura em História. Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, 2013.

CORREIA, Paulo André de Carvalho. Diálogos com a tradição: **A “invenção do nordeste” em Antonio Carlos Viana**. Anais do II SEMINÁRIO NACIONAL LITERATURA E CULTURA. Vol. 2, São Cristovão: GELIC, 2010. Disponível em: http://200.17.141.110/senalic/II_senalic/textos_completos/Paulo_Andre_de_Carvalho_Correi_a.pdf

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

D’OLIVIA, Fernanda Moraes. **O social no cordel: uma análise discursiva**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000782494>

GONÇALVES, Marco Antônio. **Cordel Híbrido, contemporâneo e cosmopolita**. Rio de Janeiro, vol. 4. n.1, p. 21-38, 2007. (Artigo) Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/51721962/Marco-Antonio-Goncalves-Cordel-hibrido-contemporaneo-e-cosmopolita-1>

GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. **O Discurso Religioso na Literatura de Cordel de Juazeiro do Norte**. Crato: A Província edições, 2002.

HATA, Luli. **O cordel das feiras às galerias**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária), Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000199277>

LEONARDELI, Poliana. **Patativa do Assaré e a identidade sertaneja: oralidade, memória e religiosidade**. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

LIMA, Marinalva Vilar de. **Narradores do Padre Cícero: do auditório à bancada**. Fortaleza: UFC/Casa de José de Alencar, 2000.

LORENÇO FILHO, Manoel Bergstrom. **Juazeiro de Padre Cícero**. 4ª edição. Brasília: MEC / Inep, 2002. (LIVRO)

LUZ, Karla Daniele de Sá Maciel. **Romeiros e Devotos do Padre Cícero: investigações psicanalítica de processos psicológicos da vida religiosa**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

MELO, Rosilene Alves de. **Arcanos do Verso: trajetórias da literatura de cordel**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

MORAES, Norma Moreira de. **Repensando os messianismos de Canudos e Juazeiro**. (mestrado em ciências da religião). Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

LIRA NETO, João de. **Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão**. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PAULA, Andréa Cristina de. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho**. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, Programa de Pós-Graduação em Letras, **Uberlândia**, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/1874>

POTIER, Robson William. **O sertão virou verso, o verso virou sertão: sertão e sertanejos representados e ressignificados pela literatura de cordel (1900-1940)**, Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação, em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: http://bdt.d.bczm.ufrn.br/tde_arquivos/30/TDE-2013-03-13T003219Z-4884/Publico/RobsonWP_DISSERT.pdf

_____ **Sertão praticado, sertão representado: a caatinga como espaço de fartura ou privação, de ficar ou de passar**. Disponível em: http://www.outrostempos.uema.br/OJS/index.php/outros_tempos_uema/article/view/261

QUINTELLA, Vilma Mota. **Literatura de Cordel**: Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós- Graduação em Letras, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1996. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000108539>

RABELO, Elson de Assis. **A História entre tempos e contra tempos: fontes Ibiapina e a obscura invenção do Piauí**. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós- Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

ROMERO, Jorge Henrique da Silva. **As formas da inspiração: Linguagem e criação poética em inspiração nordestina de Patativa do Assaré**. Dissertação (Mestrado em Teoria e História Literária). Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campina. Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000786971>

SALES, Marco André de Oliveira. **Os modos de crer e agir na arte de dizer nordestina: uma análise hermenêutica-religiosa em poemas de cordel de 1860 a 1920**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Programa de Pós-Graduação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2009. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=181438

SANCHIS, Pierre. **Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista.** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000200002

SANTOS, Emily Rodrigues dos. **Religiosidades sertanejas: amanhecer esperança, adormecer paciência.** XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA- ANPUH, RN, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364421655_ARQUIVO_artigoanpuhnational.pdf

SILVA, Fernanda Isis C. da & SOUZA, Edivanio Duarte de. **Informações e formações da identidade cultural: o acesso a informações na literatura de cordel.** UFA, 2006.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do Beato José Lourenço.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pós Graduação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2009.

SOUZA, Manoel Matusalém. **Cordel Grito do Oprimido: uma escola de resistência à Ditadura Militar.** Tese (Doutorado em Educação). Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

SOUZA, Silvana Vieira de. **Tradição e Fé: memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX.** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

STINGHEN, Marcela Guasque. **Padre Cícero: a canonização popular.** Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

VASCONCELOS, CLÁUDIA PEREIRA. **A construção da imagem nordestina nacional.** UFBA, Salvador, 2006.

VELASCO, Diogo Cavalcante. **O poder do local: sertões nordestinos no cinema brasileiro contemporâneo.** Dissertação (Mestrado em Multimeios). Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Universidade Estadual de campinas. Instituto de Artes, Campinas, 2010.

VIEIRA, Francisco Jacson Martins. **A mitificação das figuras emblemáticas de Padre Cícero e Lampião através da literatura de cordel.** Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Fortaleza, 2012.

WALKER, Daniel. **Padre Cícero: a sabedoria do conselheiro do sertão.** Juazeiro do Norte, 2010.

SITES:

<http://www.caririnoticia.com.br/2011/11/juazeiro-do-norte-ce-romaria-de-finados-favorece-o-comercio-e-a-rede-hoteleira.html>

<http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2011/11/romaria-de-juazeiro-do-norte-2011-ainda.html>

FONTES

FOLHETOS DE CORDEL

ALMEIDA, Sebastiana Gomes de. **Padim Ciço abençoa o Juazeiro nos 100 anos de vida gloriosa**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

ARAÚJO, Maria Rosimar. **Os três maiores momentos da história do Juazeiro a chegada do Pe. Cícero, o milagre e emancipação política**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

ASSARÉ, Patativa. **Saudação ao Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

BANDEIRA, Justino Paulo. **Juazeiro Oratório**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

BANDEIRA, Pedro. **Lágrimas do último adeus**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **As lágrimas do Salgadinho: o rio do Padre Cícero**. Editora Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

BARBOSA, Jackson Pires Barbosa. **Padre Cícero e Juazeiro ontem e hoje**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

BARROS, Leandro Gomes de. **O Juazeiro e o Padre Cícero**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

BATISTA, Abraão. **O sermão da caatinga do Padre Cícero Romão**. 2ª Ed. Juazeiro do Norte, 2010.

_____. **Padre Cícero e a cura de um louco- 1926**. Juazeiro do Norte, 1990.

_____. **As professias do Padre Cícero**. 5ª Ed. Juazeiro do Norte, 1990.

_____. **Receita do Padre Cícero contra cólera**. Juazeiro do Norte, 1992.

_____. **Os 4 sonhos reveladores do Padre Cícero**. 2ª Ed. Juazeiro do Norte, 2010.

_____. **O nascimento do Padre Cícero**. 6ª Ed. Juazeiro do Norte, 2004.

CALDAS, João Bandeira de. **Dr. Floro Bartolomeu da Costa, médico, político e guerreiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **A queimação dos panos ensanguentados da hóstia e depoimento do Pe. Antônio Vieira**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

CORREIA, José Edmilson (Zé Mutuca). **Os milagres de Juazeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **Em defesa de Juazeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

- DANTAS, Renato. **A chegada de Padre Cícero no céu**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- EVANGELISTA, Lucas. **Homenagem ao Padre Cícero o cearense do século**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- FILHO, José Rodrigues. **Ode à mudança de Topônimo de Juazeiro do Norte para Juazeiro do Padre Cícero**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- FREITAS, Bosco. **Homenagem ao Pe. Cícero à nossa Senhora das Dores e aos romeiros de Juazeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- GOMES, Maria de Fátima. **História de Juazeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- HUGO, José. **Romaria**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- LACERDA, Josenir. **Padre Cícero e o homem com o diabo no corpo**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- LUSTOSA, Maria Rosário. **Padre Cícero do Juazeiro e... Quem é ele?** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- LIRA NETO, João Pedro C. **Juazeiro primitivo**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- _____. **A visita que fez satanás a Juazeiro e seu triste desespero**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- PEREIRA, Ângela Maria. **Promessas ao Padim Ciço**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- POETA, Raul. **Juazeiro Centenário da fé**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- REI, João de Cristo. **Profecia de padrinho Cícero sobre a Igreja do Horto**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- _____. **História da guerra de Juazeiro em 1914**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- RIBEIRO, Maria Lindalva Machado. **Síntese dos principais acontecimentos históricos de Juazeiro do Norte**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- RODRIGUES, Abraão. **Padre Cícero pelos caminhos da verdade**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- RODRIGUES, Estevão. **Discussão dum transviado com um romeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- SILVA, Edjaci Ferreira. **Hino de Juazeiro**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- SILVA, Expedito Sebastião da. **A opinião dos romeiros sobre a canonização do Padre Cícero pela Igreja Brasileira**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- _____. **Em defesa da memória do Padre Cícero Romão**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.
- _____. **Centenário da ordenação Sacerdotal do Padre Cícero**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **O progresso e a elevação histórica de Juazeiro do Norte.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

SILVA, José Bernardo da. **A pranteada morte do reverendíssimo Padre Cícero Romão Batista.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **O cruzeiro do Horto.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

SILVA, Manoel Cabloco e. **A visita dos romeiros como era antigamente.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **Inauguração, sermão e centenário da Matriz de Juazeiro.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

SILVA, Severino José da. (Severino do Horto). **Milagre do Padre Cícero e Maria de Araújo.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

_____. **O valor da oração e o mistério do rosário.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

SOBRINHO, José Gonçalves. **Juazeiro, Padre Cícero e o progresso.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.

SOUZA, Francisco Peres de. **As santas palavras do Padre Cícero Romão Batista e o bilhete encontrado pela Santa Beata Mocinha sobre a corrupção do mundo.** Fortaleza: Editora IMEPH, 2012.